

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA CAROLINA VIRGÍLIO DA SILVA

NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA FRALDA

Reflexões sobre o desfralde

CAMPINAS

2021

ANA CAROLINA VIRGÍLIO DA SILVA

NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA FRALDA:

Reflexões sobre o desfralde

Relatório final, apresentado à
Universidade Estadual de Campinas,
como parte das exigências para a
obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Prof. Dr. Gabriela Guarnieri
Tebet

Campinas

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Si38n	Silva, Ana Carolina Virgílio, 1997- No meio do caminho tinha uma fralda : reflexões sobre o desfralde / Ana Carolina Virgílio da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2021. Orientador: Gabriela Guarnieri de Campos Tebet. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Educação infantil. 2. Cartografia. 3. Desenvolvimento nas criança. I. Tebet, Gabriela Guarnieri de Campos, 1981-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
-------	--

Às crianças e bebês que passaram por
minha vida, dedico esse trabalho a vocês.
Obrigada por me ensinarem e inspirarem
diariamente.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me guiou na escolha do curso e me deu forças nesses anos de graduação, me sustentando quando sozinha eu não conseguiria.

A Universidade Estadual de Campinas pela oportunidade de me graduar.

A todos meus professores por me formar como profissional e como pessoa. Em especial agradeço a professora Gabriela Tebet pelo empenho, apoio, confiança e paciência na orientação deste trabalho, principalmente, eu a agradeço pelo exemplo que me deu com sua paixão pela educação infantil.

A minha mãe, minha maior inspiração, pelo incentivo, carinho e amor incondicional.

Ao meu pai pelo suporte e por ter se sacrificado tanto pela minha educação.

As minhas irmãs, Taynara e Bruna, que nesses anos tão difíceis foram um porto seguro.

Aos amigos que fiz durante a graduação, vocês tornaram esses anos muito melhores.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

"Vocês dizem: - Cansa-nos ter de privar com crianças.Têm razão. Vocês dizem ainda: - Cansa-nos, porque precisamos descer ao seu nível de compreensão. Descer, rebaixar-se, inclinar-se, ficar curvado. Estão equivocados. Não é isto o que nos cansa, e sim, o fato de termos de elevar-nos até alcançar o nível dos sentimentos das crianças. Elevar-nos, subir, ficar na ponta dos pés, estender a mão. Para não machucá-las."
(Janusz Korczak, em "Quando eu voltar a ser criança")

RESUMO

O desfralde é o processo pelo qual o bebê sai da fralda e passa a usar o banheiro, não sendo mais dependente do adulto para fazer suas necessidades físicas. O objetivo central deste trabalho é refletir sobre a bibliografia existente referente ao tema e pensar sobre como esse processo afeta o desenvolvimento da criança. Propõe-se assim apresentar reflexões e análises sobre a bibliografia encontrada e analisar cenas para refletir sobre a prática. Essas cenas serão analisadas a partir da abordagem mosaico com o intuito de reconhecer o bebê como protagonista do processo.

Palavras-chave: desfralde; abordagem mosaico; cartografia; educação infantil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 - REFLETINDO SOBRE A BIBLIOGRAFIA EXISTENTE.....	12
1.1 A contribuição médica para pensar o desfralde na educação infantil.....	15
1.2 A contribuição da educação para pensar o desfralde na educação infantil.....	17
1.3 A contribuição da psicologia para pensar o desfralde na educação infantil.....	18
1.4 Conclusões.....	18
2 - AS CONTRIBUIÇÕES DOS PESQUISADORES PARA O DESFRALDE.....	21
3 - AS CONTRIBUIÇÕES DAS CRIANÇAS SOBRE O DESFRALDE.....	28
3.1 Primeiro mosaico: P.....	29
3.2 Segundo mosaico: R.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
BIBLIOGRAFIA.....	55

INTRODUÇÃO

A escolha desse tema tem início muito antes do meu ingresso na universidade. Filha de professora, o ambiente escolar sempre foi muito familiar para mim. Me lembro de acompanhar minha mãe para o trabalho quando ela era professora do berçário, e do quanto aquele universo tão particular dos bebês me fascinava.

A escolha do curso foi fácil para mim, e quando iniciei meus estudos na Universidade Estadual de Campinas fiquei ainda mais deslumbrada pelo papel social da escola. A educação infantil especialmente aguçou minha curiosidade e vontade de pesquisar.

Quando iniciei o primeiro estágio de educação infantil, com a professora Gabriela Tebet, soube que era aquilo que queria estudar, e uma questão em particular me intrigou: O desfralde.

Vivenciei um momento durante esse primeiro estágio que marcou minha trajetória para chegar a esse tema, tal momento está descrito no capítulo três, mais especificamente 3.1 como parte da análise da contribuição das crianças quanto ao desfralde.

Analisando essa situação específica pude perceber a importância de considerar os bebês e as crianças como parte integral dessa vivência e de levar em conta suas falas, movimentos, ações e pensamentos sobre o assunto.

O desfralde é um evento importante na educação infantil, e foi bom ver como pode ser levado com leveza e naturalidade, respeitando a vontade da família e o tempo da criança ao criar soluções que atendam ambas as demandas.

Segui imergindo cada vez mais nos estudos sobre a educação infantil. Passei por outro estágio nessa etapa de ensino, comecei o estágio remunerado onde aprendi muito, e construí esse trabalho, voltado a área que sempre me fascinou tanto.

Justificado o interesse pelo tema, neste trabalho de conclusão de curso de minha licenciatura em Pedagogia, tenho por objetivo pesquisar o desfralde, mais especificamente duas cenas que observei durante o estágio, baseado no

questionamento: Como o desfralde é parte do processo de desenvolvimento da criança?

É importante pensar sobre o tema pois no trabalho com bebês na educação infantil o cuidar e o educar são indissociáveis e o desfralde é um processo que necessita de muito cuidado por parte dos professores. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, é necessário garantir à criança experiências que: “VI - possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar; “(Pág. 4).

Para nos ajudar a desenvolver esse tema, temos como objetivo específico refletir sobre a escola e seu papel no desenvolvimento integral dos bebês, considerando que, ainda segundo as Diretrizes Nacionais, um dos princípios que deve ser seguido pelas creches e pré-escolas envolve o reconhecimento de que: “A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens,” (Pág. 17).

Posto isto, este trabalho será organizado em três capítulos. No primeiro, “Refletindo sobre a bibliografia existente” iremos analisar os artigos encontrados a partir de pesquisa bibliográfica.

“As contribuições dos pesquisadores para o desfralde” é o capítulo dois, no qual iremos analisar cada uma das propostas e dicas dentro dos artigos para realizar o desfralde.

O terceiro e último capítulo, “A participação das crianças no processo de desfralde: Olhado para a prática” se propõe a analisar experiências da prática pedagógica e entender quais são as ações e falas das crianças em relação ao processo do desfralde e o que podemos entender com isso.

Finalmente, nas considerações finais, olhamos para as cenas à luz das abordagens apresentadas nos capítulos 1 e 2 e evidenciamos como tais abordagens se articulam com as experiências descritas no capítulo 3 e oferecemos algumas

reflexões sobre como o processo de desfralde pode ser considerado no âmbito das propostas pedagógicas das creches.

CAPÍTULO 1 - REFLETINDO SOBRE A BIBLIOGRAFIA EXISTENTE

Recentemente Frezzato (2019) realizou uma pesquisa sobre o desfralde e realizou o seu levantamento bibliográfico buscando em língua portuguesa por produções acadêmicas sobre o desfralde. Com o intuito de ampliar o escopo desse debate, a revisão bibliográfica sobre o tema realizada nesta pesquisa utiliza termos em língua inglesa para apresentar aos leitores uma síntese das principais tendências sobre o tema em língua inglesa. Todavia, no processo de pesquisa alguns artigos em língua portuguesa foram encontrados e mantidos no conjunto dos dados que apresentaremos.

Para isso, recorri ao site Scopus através do Portal Periódicos CAPES, no dia 06 de junho de 2020 às 14h27. Pesquisei pela expressão “pot training” que, em tradução livre, significa desfralde, em Título, Resumo e Palavras-chave. Foram encontrados 2 resultados, porém nenhum tinha relação com a pesquisa, por se tratarem de artigos médicos relativos a algum tratamento específico de doença.

Em seguida a pesquisa foi feita por “early childhood education” e diaper. Em tradução livre, “educação infantil” e fralda, respectivamente. No qual foram encontrados apenas um artigo, também sem relação direta com o tema do presente trabalho, sendo um texto que trata sobre educação infantil, apenas citando a fralda como parte dessa vivência, sem focar no processo do desfralde.

A última busca feita no Scopus foi por “sphincter control”, em português, “controle esfíncter”. Limitei mais a busca por resultados apenas em português e inglês e por artigos abertos para acesso gratuito, encontrando assim 61 resultados, dos quais dois se mostraram potencialmente úteis para o presente trabalho.

A seguir, acessei o site Web of Science, com acesso também através do CAPES, no mesmo dia, às 15h32. Comecei a pesquisa pelo termo “pot training”, encontrando 3 resultados, dos quais nenhum se referiam a área da educação. Buscando por “early childhood education” e diaper encontrei um resultado, que não se referia ao ambiente escolar. A última pesquisa foi por “sphincter control”, filtrando por Acesso aberto e Artigos encontrei 46 resultados, porém a maioria tratando da área médica, sendo apenas um útil para a pesquisa.

No domingo 07 de junho às 15h35 continuei a pesquisa, dessa vez buscando os mesmos termos em inglês no Google Acadêmico. Para a pesquisa “pot training” encontrei 128 resultados. Foram achados 7 resultados que possivelmente poderiam ser utilizados para essa pesquisa. Quando pesquisei por “early childhood education” e diaper, encontrei 33.800 resultados. A partir dos títulos dos artigos foram separados aqueles que tratavam do desfralde já no título. Destes, 5 artigos se mostraram possivelmente úteis. Por último pesquisei por “sphincter control” em conjunto com a palavra “infants”, em português, bebê, encontrando cerca de 37.600 resultados, na maioria tratando sobre problema médicos, separando já no título os que poderiam ser úteis para a pesquisa.

De todos os textos encontrados foram separados 14 para a pesquisa. A maioria deles foram encontrados através de termos médicos.

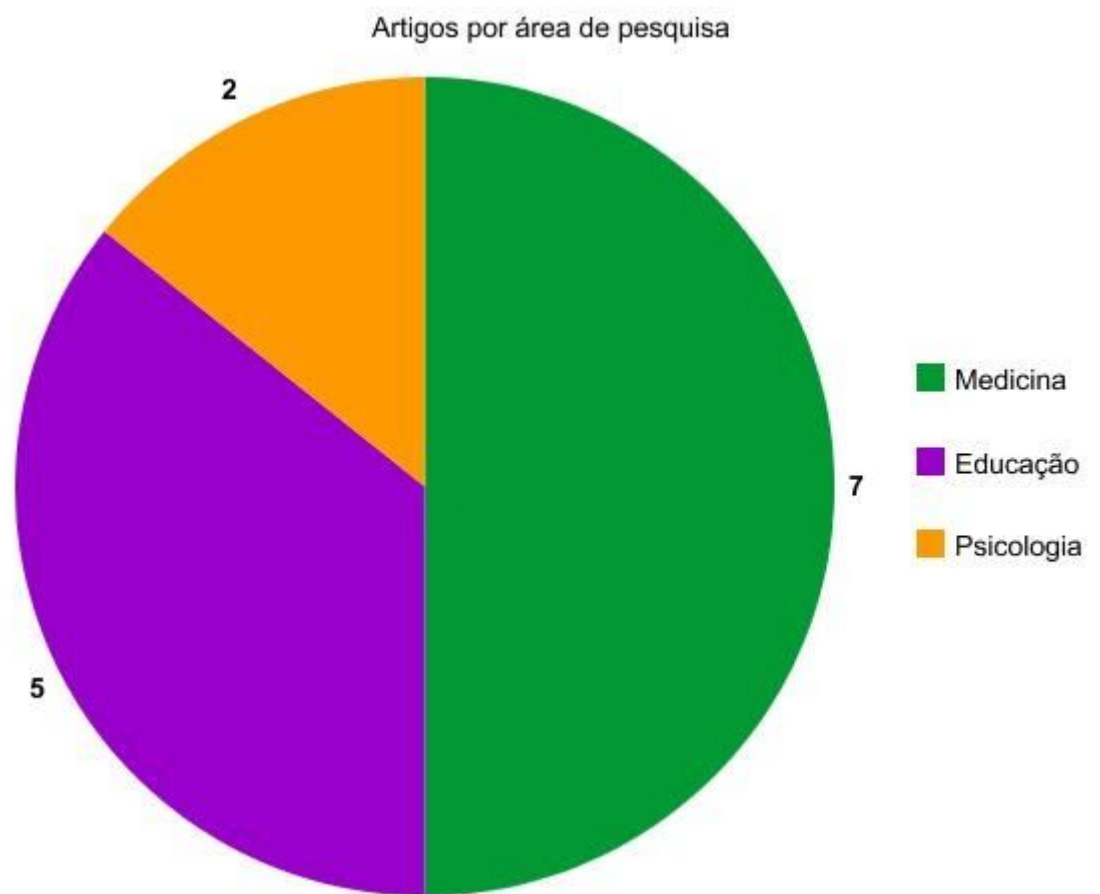
Alguns dos artigos mencionam a falta de estudos na área, e a maioria deles são recentes, sendo o mais antigo do ano de 2000 e o mais recente de 2019. Segundo o texto “O cuidado como elo entre saúde e educação” (MARANHÃO, 2000) um dos fatores que pode justificar a falta de estudos sobre o tema era a perspectiva higienista, que pautava a educação. A autora defende que:

“A falta de debates sobre o tema entre profissionais de saúde e educação levou a uma indefinição do que se entende efetivamente por cuidados com a saúde no interior das instituições de educação infantil.” (MARANHÃO, 2000).

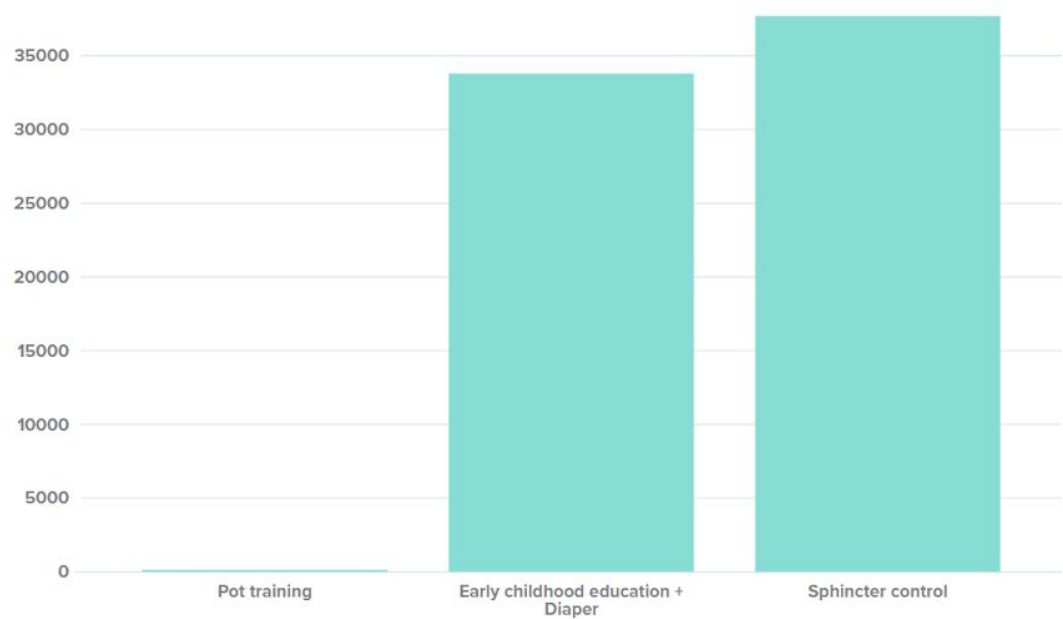
Dos 14 artigos encontrados, 5 foram escritos por educadores, 7 da perspectiva médica, e 2 foram escritos por psicólogos. É interessante observar que a maior parte foi escrita por profissionais da saúde, focando nos fatores biológicos que permeiam o ritual do desfralde.

Os gráficos abaixo demonstram respectivamente a área em que foram escritos cada um dos artigos que serão de interesse para essa pesquisa, e o número de artigos encontrados a partir da pesquisa de cada um dos termos conforme acima, somando os três sites em que essas pesquisas foram realizadas.

A seguir, discutiremos cada um deles a partir das suas vertentes específicas.



Número de artigos encontrados a partir da pesquisa de cada termo



1.1 A contribuição médica para pensar o desfralde na educação infantil

Iniciando pelo artigo “Trenzinho do banheiro: conhecimentos sobre o treinamento esfinteriano no ambiente escolar” (GOGH, 2013) que tem como tema principal uma análise médica de como o desfralde ocorre dentro das escolas. O artigo discute o desfralde como um marco do desenvolvimento infantil porém como treinamento, iniciado tendo uma certa idade¹ como um dos referenciais para marcar a prontidão para o processo. Também trata da importância do trabalho conjunto entre família e escola, e da importância da comunicação entre eles.

O artigo “O cuidado como elo entre saúde e educação” (MARANHÃO, 2000) tem como questão central uma discussão similar: compreender a prática dos educadores sob a ótica da saúde. A autora pretende entender qual o papel da creche no cuidado com a saúde dos bebês.

O artigo afirma a impossibilidade de separar o biológico do cultural e do afetivo em se tratando do desfralde. O bebê depende do outro para atender suas necessidades básicas, porém a maneira como é feita esse cuidado é uma prática cultural, sendo o desfralde um ato de cuidado e educação, sendo esses dois indissociáveis dentro do ambiente escolar. O artigo ainda diferencia o cuidado atribuído à família e à creche, mesmo que os dois tenham que trabalhar em cooperação.

Continuando na área médica, o artigo “Avaliação longitudinal do controle esfinteriano em uma coorte de crianças brasileiras” (MOTA e col., 2010) pretende analisar o controle de esfíncter de um grupo de crianças, sendo a idade o fator determinante para o fim do desfralde, independente do treinamento ou da idade em que se inicie o processo.

Em “A percepção dos educadores acerca da disfunção eliminatória” (NUNES e col., 2017) tem como objetivo analisar a percepção de educadores sobre o aprendizado esfinteriano e a síndrome de disfunção eliminatória. Trata do despreparo de educadores para lidar com doenças eliminatórias e da necessidade

¹ Em torno dos dois anos.

de mais conhecimento dos profissionais da educação sobre o assunto, criticando o desfralde com idade estabelecida.

Similar a esse, o artigo “Treino esfínteriano: métodos, expectativas dos pais e morbidades associadas” (MOTA e BARROS, 2007) realiza uma revisão de literatura sobre o controle de esfíncter, abordando expectativas e métodos associados a aquisição dessa habilidade, citando a falta de estudo sobre o assunto. O autor afirma a influência social sobre o processo do desfralde, falando de marcos, e não de uma idade específica, como sinal de prontidão. O artigo ainda fala sobre métodos de treinamento e fornece orientação aos pais sobre como navegar esse momento, dentre as quais orienta como o método baseado nas pesquisas feitas por Brazelton (1962), Azrin e Foxx (1971) e o treinamento de eliminação precoce.

Entre os artigos internacionais lidos, o artigo “The effect of diaper usage towards toilet training behavior in pre-school children” (MUNJIATI e col., 2017) em tradução livre: “O efeito do uso da fralda sobre o desfralde em crianças na pré-escola”, trata do uso da fralda e como o mesmo afeta o treinamento de controle de esfíncter. O texto fala sobre uma idade padrão para que o desfralde ocorra, e dos marcos físicos que demonstrariam a prontidão. O texto fala da importância da cooperação entre pais e bebês para passar pelo processo, e do quanto as fraldas afetam esse processo pois tiram a sensação de estar molhado, uma das percepções dos marcos físicos necessárias para demonstrar que o bebê está pronto para passar pelo desfralde.

O último texto selecionado da área médica, “Treino do bacio: estudo observacional numa amostra de crianças saudáveis entre os 18 e os 42 meses” (PEREIRA e col., 2015) é um estudo transversal com o objetivo de descrever o processo do treino do bacio² considerando as variáveis biológicas, sociais e econômicas. O texto ainda afirma a falta de outros estudos sobre o tema, e por isso a necessidade de tal análise. O estudo dá uma idade média para a finalização do processo do desfralde, porém trata o desfralde como fator social dependendo dos pais e da escola. O estudo ainda trata de métodos para o processo e da importância da cooperação entre escola e família.

² Termo que se refere ao treino do controle da bexiga.

1.2 A contribuição da educação para pensar o desfralde na educação infantil

O primeiro artigo lido na perspectiva da educação foi “From diapers to underpants” (BAINER e HALE, 2009), em tradução livre “Das fraldas para as cuecas/calcinhas”, descreve sobre o processo do desfralde e fornece dicas para pais lidarem com o período do desfralde. As autoras trabalham com a ideia de marcos físicos e psicológicos e não de uma idade certa para demonstrar prontidão para passar pelo processo do desfralde, tratando o desfralde como algo natural e fácil. A importância do trabalho conjunto entre escola, família e bebê é enfatizado, principalmente o comprometimento dos adultos.

O artigo “More than just changing diapers” (BECK, 2010), em tradução livre “Mais que apenas trocar fraldas” tem como objetivo olhar para a experiência de professores de educação infantil no dia a dia da escola, incluindo o processo do desfralde. O papel do professor é de extrema importância para a criança pequena e o texto trata da interação do cuidar e educar. Como o desfralde é um cuidado com o corpo do bebê também é um ato de educação.

Em “Qualidade do Atendimento na Educação Infantil: um estudo em duas culturas” (KUDE, 2004) a autora busca entender as similaridades e diferenças entre uma creche norte-americana e uma creche brasileira. Sobre o desfralde é enfatizada a importância do trabalho em conjunto da família e da escola em ambos contextos e da desvalorização do trabalho como professor de educação infantil por conta da crença de ser apenas um espaço de cuidado e não de educação.

No trabalho “Desfralde: contribuições para o debate” (FREZZATO, 2019) o objetivo é ampliar a discussão do processo de desfralde no contexto da Educação. O texto fala também sobre a importância da parceria com a família e trata o desfralde como algo natural, independente de uma idade marcada.

O último texto do ponto de vista da educação, “Os bebês e os estudos antropológicos: conhecendo os bebês *Beng*” (NUNES, 2015) trata da cultura envolta na criação dos bebês Beng, um povo nômade do Oeste da África, e da diferença entre o modo ocidental e oriental de educação. Sobre o desfralde, o texto contribui

com a afirmativa de que o desfralde é uma prática social e que não há uma maneira certa de lidar com o período, não havendo uma idade certa para que ocorra.

1.3 A contribuição da psicologia para pensar o desfralde na educação infantil

Na área da psicologia foram encontrados dois estudos que tratam do assunto de forma secundária. O primeiro, “Positive classrooms, positive children” (MCGILLOWAY e col., 2010), em tradução livre, “Sala de aula positiva, crianças positivas”, discute a importância de um ambiente positivo para o desenvolvimento saudável da criança, psicologicamente falando. Em relação ao desfralde, o texto traz uma contribuição importante: A importância do professor para a condução de um processo não traumático e positivo.

Já o texto “The musical dimension of the daily routine with under-four children: changing the diaper, before sleeping, the lunch, free-play” (ADDESSI, 2008), em tradução livre “A dimensão musical da rotina com crianças abaixo de quatro anos: trocando a fralda, antes de dormir, no almoço, brincadeiras livres”, procurou observar momentos em que a música era utilizada dentro da rotina escolar das crianças, incluindo o momento da troca da fralda ou da ida ao banheiro. Sobre o desfralde, o texto observa os momentos de interação entre bebês e educadores como um momento de educação, não apenas de cuidado. Acima disso como um momento de fortalecimento do elo emocional entre ambos, e a música como um instrumento para trazer suavidade e facilitar esses momentos.

1.4 Conclusões

Dentre os artigos escritos no campo da educação, e outros que dão dicas para pais sobre como navegar esse período da vida das crianças, todos mencionam a importância da cooperação entre família e escola:

“A família é o primeiro referencial da criança, seguido pelo ingresso na escola/creche. É importante que cuidadores/professores tenham a mesma atitude em relação a esse treinamento e utilizem a

técnica adequada evitando que o processo do desfraldamento seja forçado ou vivenciado de maneira traumática.” (GOH, 2013)

Os artigos do campo da educação ainda ressaltam que não há diferenciação entre o cuidar e o educar e que o momento de aprender a usar o vaso é um momento de cuidado e atenção com o corpo do bebê, parte do objetivo da educação infantil, e do desenvolvimento integral da criança.

Analisando os dados foram encontradas duas tendências principais em relação ao desfralde. A primeira é a de que o desfralde acontece de maneira processual, de maneira natural. A segunda é que há uma idade certa para que o desfralde esteja concluído, e que a idade é um fator determinante para demonstrar que o bebê está pronto para passar pelo processo.

Sobre a primeira tendência, os artigos que a seguem, não abordam o desfralde como um marco na infância, para o qual o bebê demonstra estar pronto através de alguns sinais que independem da idade. O processo é longo e requer preparo da parte dos adultos, que precisam trabalhar em conjunto com os pequenos, entendendo que para ela é um processo complexo, cheio de várias aprendizagens:

“O treinamento para adquirir o controle esfinteriano é complexo e feito em etapas. A aquisição da independência para o uso do sanitário inclui: caminhar até o vaso (ou penico), baixar calças, sentar no vaso, urinar ou evacuar, puxar as calças, dar a descarga, lavar as mãos e retornar ao local onde estava. Estar “pronto” para esta etapa é importante para torná-la mais prazerosa e de menor duração. Adquirir independência para o uso do banheiro requer que a criança apresente não apenas domínio de linguagem, mas ainda motor, sensorial, bem como neurológico e social.” (MOTA, BARROS, 2007)

Já a segunda abordagem, defende que a idade é um fator primordial a ser considerado, não é o único porém é um dos fatores a serem considerados para iniciar o processo de desfralde. A idade também deve ser considerada quanto ao fim do desfralde e os textos que seguem essa abordagem defendem que há uma idade média para o fim do processo, uma idade em que o desfralde deve ter sido concluído:

“Na realidade, a criança está apta a ser treinada para o controle diurno a partir dos dois anos de idade e a adquirir o controle esfinteriano ao redor dos 36 meses.” (MOTA, 2010)

Essa tendência também defende que iniciar o desfralde precocemente apenas aumenta o tempo do processo do desfralde. Não há necessidade e nem benefício em se adiantar o processo e o iniciar mais cedo, isso apenas aumenta o processo.

Importante ressaltar que alguns estudos apontam que famílias de classes sociais mais baixas tendem a iniciar o processo do desfralde mais cedo, já que há um gasto alto com fraldas quando os bebês ainda necessitam desse cuidado.

Outro dado interessante observado é a quantidade de textos voltados para orientar os pais no processo do desfralde. Todos os conjuntos de profissionais que estudam o tema falam sobre a necessidade dos pais navegarem esse período de maneira saudável e das expectativas por vezes irreais sobre o tempo que vai levar do início ao fim do processo e da facilidade com a qual a criança irá passar por isso:

“Salientamos que opiniões e preocupações dos pais em relação a seus filhos influenciam o ritmo de desenvolvimento da criança e seu comportamento; crenças também são importantes na influência da interação pais-criança e, conseqüentemente, no desenvolvimento infantil. Por sua vez, expectativas reais e adequadas estão associadas com interações positivas entre pais e crianças e facilitam o desenvolvimento infantil. No entanto, expectativas irreais podem ter consequências adversas.” (MOTA, BARROS, 2007)

Sobre a educação, alguns dos textos discutem a necessidade de que os educadores sejam formados de maneira melhor para lidar com o desfralde e as necessidades sanitárias que possam se apresentar durante o desfralde:

“É necessária melhor integração de saúde e qualidade de vida dentro dos cursos de formação de professores, principalmente da educação infantil, visto que cada vez mais a permanência dessas crianças torna-se mais precoce e persistente dentro do ambiente escolar.” (GOH, 2013)

CAPÍTULO 2 - AS CONTRIBUIÇÕES DOS PESQUISADORES PARA O DESFRALDE

Em se tratando das estratégias utilizadas para facilitar o processo do desfralde, observei que, na maioria, os textos que trazem essa temática são direcionados aos pais, com o intuito de auxiliar num processo tão desafiador para eles. Algumas estratégias e dicas falam sobre como reconhecer a hora ideal de iniciar o desfralde, outras sobre como passar pelo processo.

De acordo com Bainer e Hale (2009), há várias maneiras de reconhecer o momento ideal para o bebê.

O primeiro é observar quando o bebê tem a percepção de estar com a fralda suja, esse sinal é importante pois “apenas depois de reconhecer a sensação de estar molhado ela pode aprender a reconhecer os sinais que procedem.” (BAINER e HALE, 2009).

A próxima dica é sobre a atitude dos pais. Segundo as autoras o protagonista do processo do desfralde deve ser o bebê, o que significa que os pais devem saber que não vão estar mais em controle sobre as necessidades dos filhos, e que devem dar autonomia para eles, incentivando a ter o controle sobre “coisas de gente grande” como usar o banheiro sem auxílio.

A próxima estratégia para reconhecer o momento em que o bebê está pronto é a habilidade verbal. O bebê deve ser capaz de pedir para ser levado ao banheiro, e é de responsabilidade dos cuidadores ensinar os conceitos e linguagem que permeiam o ato de ir ao banheiro.

A última estratégia de prontidão é reconhecer quando o bebê está fisicamente pronto. As maneiras de perceber isso são diversas, nesse texto indica-se a necessidade de sabermos reconhecer se o bebê tem a habilidade de segurar o xixi e o cocô por uma hora.

No mesmo texto, as autoras apresentam diversas dicas para os pais. Antes mesmo de iniciar o processo, é preciso conversar com os filhos, ler livros sobre o assunto para os pequenos também ajudam. De início os pais deveriam escolher um período em que irão ficar em casa e possam acompanhar de perto o bebê, como um final de semana por exemplo. Não é recomendado escolher um período conturbado

na vida familiar para iniciar o processo, como o nascimento de outro bebê, ausência de alguém do convívio diário, entre outros. Os bebês precisam estar tranquilos e estabilizados emocionalmente, já que o período apresenta muita mudança.

De acordo com as autoras, logo cedo pela manhã, o cuidador deve incentivar o bebê a ir ao banheiro. Essa também é a hora de retirar a fralda com que o bebê dormiu e substituir por uma calcinha ou cueca. Conforme o processo vai avançando, adultos e crianças perceberão quais gatilhos deixam os pequenos com vontade de usar o banheiro, por exemplo ao lavar as mãos antes de comer, por conta do barulho da água.

Independente do bebê ter usado o banheiro ou não, os familiares devem levá-los constantemente ao banheiro, um tempo ideal no início seria de uma em uma hora, porém esse momento de ir ao banheiro não deve soar como uma obrigação, algo que interrompa a diversão do bebê, e sim algo que também é divertido. Correr até o banheiro, por exemplo, pode ser uma maneira de fazer os pequenos quererem ir até lá. Ler ou contar histórias para os bebês é um bom jeito de estimulá-los a esperar por um tempo no vaso ou no penico a vontade de fazer suas necessidades. Outra maneira é usar frases e um tom de voz alegre para incentivar o bebê, inclusive usando um tom de voz calmo quando um escape acontecer.

Sobre acidentes, a dica é lidar com eles de forma leve, afinal, assim como qualquer nova habilidade, leva tempo para a criança aperfeiçoar totalmente o uso do banheiro. Portanto, é necessário saber que acidentes vão ocorrer, então os adultos devem estar prontos para lidar com eles sem fazer os pequenos se sentirem culpados, porque isso pode fazer com que eles se sintam desconfortáveis e inseguros de passar pelo processo. Uma boa maneira do bebê se sentir independente e hábil em passar pelos acidentes é deixá-los tentar trocar de roupa.

Também é necessário consistência, começar o processo do desfralde e voltar atrás pode confundir o bebê, por isso é tão importante garantir que o mesmo está pronto para o processo. Um desfralde demorado e inconsistente é frustrante para crianças e adultos e torna o caminho muito mais conturbado, podendo fazer com que as crianças tenham receio de usar o banheiro.

Caso haja receio da parte do bebê em usar o banheiro, o texto sugere devolver o controle para ele. Deixar o bebê sem roupa pode ajudar, já que a

sensação de fazer xixi nas pernas é desagradável e isso geraria neles a vontade de usar o banheiro.

O texto ainda fala sobre os objetos que acompanham o desfralde e a importância deles. A troca para as roupas íntimas é um grande passo, para a criança isso representa sair da fase de bebê e virar uma 'criança grande'. Ter roupas de baixo que o bebê goste e se sinta confortável é essencial. As autoras dão a dica de que quando os pequenos estão vestidos com cuecas e calcinhas que acham bonito, querem tomar cuidado, e usar o banheiro, para não sujar a peça de roupa.

Da mesma forma é fundamental vestir o pequeno com roupas confortáveis e fáceis de colocar e tirar, já que nessa idade a criança percebe os sinais da necessidade de usar o vaso pouco tempo antes de perder o controle do esfíncter. Quando os pequenos têm que lidar com botões complicados, cintos, saias longas demais etc. pode ocorrer um acidente. A habilidade de colocar e tirar peças de roupa ainda está em desenvolvimento, por isso a necessidade de roupas fáceis de retirar.

Ainda se tratando das roupas, as autoras indicam que é essencial levar várias trocas de roupa quando a criança sair de casa, incluindo para a escola, para que no caso de escapes, a criança esteja equipada com trocas.

A escola e a família precisam estar integradas para que o processo do desfralde aconteça de maneira descomplicada. A família e a escola devem se comunicar bem, para estar em acordo sobre em que etapa do processo o bebê está. Uma outra dica que o texto dá é que a família separe uns minutos a mais na hora de deixar e buscar o bebê na escola, para poderem levar ao banheiro nesses momentos, especialmente antes de entrar no carro, afinal dependendo do tempo que o mesmo ficará no carro, pode ser difícil para ele segurar o xixi.

Se o texto de Bainer e Hale é direcionado aos pais, por outro lado, Goh (2013) foca no papel da escola/creche, afinal:

“(...) é importante que cuidadores/professores tenham a mesma atitude em relação a esse treinamento e utilizem a técnica adequada, evitando que o processo do desfraldamento seja forçado ou vivenciado de maneira traumática. Por isso, um trabalho conjunto entre família e escola deve ser realizado de modo que os procedimentos para a aprendizagem do controle esfinteriano tenham continuidade.” (GOH, 2013, p. 1)

No texto os pesquisadores realizaram entrevistas com professoras de educação infantil de diversas escolas de diferentes contextos sociais e econômicos, no estado de São Paulo, que atendem crianças dos 0 aos 4 anos. Quando questionados sobre os métodos do desfralde, o mais citado pelos profissionais foi levar as crianças ao banheiro constantemente (cerca de 26%). Uma porcentagem parecida (24%) afirmou realizar demonstrações do uso do banheiro. Um grupo de 23% pergunta regularmente se as crianças querem ir ao banheiro. Somente 10% declararam fazer o uso de livros sobre o assunto como ferramenta para o processo do desfralde. E 3% afirmaram recompensar as crianças por usarem o banheiro corretamente e nenhuma afirmou punir os pequenos.

Importante observar que 76% das entrevistadas afirmou não usar nenhum método para tentar acelerar o processo do desfralde. No caso de acidentes, o índice de punição também é de 0%.

Sobre a comunicação com os pais, todas afirmaram ter algum meio de comunicação com a família, sendo o mais frequente uma conversa quando os pais buscam os filhos na escola. Dentre as profissionais pesquisadas 40% expressaram que a decisão sobre início do desfralde é uma cabe a família, porém 35% pensam ser da creche a responsabilidade sobre a adequação dos métodos. Mas 40% dos entrevistados discordam da afirmação, e demonstraram interesse em ouvir os pais sobre os métodos.

Na pesquisa 63% das professoras afirmaram que a responsabilidade sobre o desfralde deve ser na maioria dos responsáveis pela criança, porém 71% acham que, cada vez mais, os pais atribuem esse dever à escola.

Enfim, apesar de 80% das profissionais afirmarem não haver conflito com os pais quanto ao desfralde, das que afirmaram já ter tido algum tipo de desentendimento, 60% afirmaram que o motivo teria sido a falta de interesse e esforço dos pais para a conclusão do processo.

Uma perspectiva mais histórica dos métodos de desfralde nos é oferecida por Mota e Barros (2007). De acordo com os autores, no início do século XX a permissividade era a principal forma de lidar dos pais com o desfralde, mudando radicalmente para a rigidez em meados da década de 30, já que os pais começaram a serem pressionados a treinarem seus filhos para que os mesmos não tivessem

mais a obrigação de trocar fraldas. Por conta disso, os responsáveis costumavam recorrer a punições na tentativa de adiantar o processo. Com o avanço da medicina se descobriu que o desenvolvimento do controle necessário para sair das fraldas é um processo de maturação e não pode ser acelerado, acarretando apenas em um processo mais longo e não em uma conclusão precoce. Essas descobertas ocasionaram uma mudança no comportamento social dos cuidadores e, nos anos 1950 a punição já não era tão usada no processo do desfralde.

Uma grande mudança aconteceu nos anos 60, devido aos trabalhos e pesquisas de Berry Brazelton, um médico pediatra responsável por desenvolver uma abordagem que foca no bebê a fim de se obter sucesso no treinamento esfinteriano. O médico observou uma alta nos casos de enurese³ o que o levou a iniciar uma pesquisa no período do desfralde.

Brazelton sugeriu não iniciar o treinamento antes dos 24 meses, e buscar sinais de prontidão no bebê. Em seus trabalhos ele apresenta o argumento de que se há poucos impulsos no bebê que a leva a querer estar limpa e seca, então o desfralde é apenas fruto de pressão externa. Portanto, seu conselho seria não iniciar o desfralde por volta dos 9 meses, algo comum anteriormente, mas aguardar até o bebê demonstrar sinais de prontidão.

A estratégia para esse desfralde baseia-se na orientação passiva, já que se aguarda os sinais do bebê para o início. Os cuidadores eram aconselhados a orientar os bebês de maneira suave, sem punições, tendo a segurança de que a criança irá concluir o treinamento no tempo devido a ele.

Em 1971, Nathan H Azrin, psicólogo e pesquisador de modificação comportamental, realizou alguns estudos sobre o comportamento de crianças com algum tipo de deficiência, e, ao lado de Richard M. Foxx, desenvolveu um método rápido de aprendizado do uso do banheiro para essas crianças, sendo esse método depois usado em crianças sem qualquer deficiência.

Esse método é baseado nos princípios do condicionamento e da imitação, utilizando de técnicas como reforço, punição, dicas, escalas de horários,

³ **Enurese**, ou incontinência urinária noturna, é a micção involuntária que pode ser causada por vários fatores. Ela pode ocorrer até os cinco anos de idade como parte do desenvolvimento infantil normal.

controle da ingestão de líquido, por exemplo, sendo muito mais intensivo e estruturado.

O último método citado no texto é menos conhecido. É o método de treinamento de eliminação precoce. Esse método tem início nos primeiros meses de vida, e incentiva cuidadores a observarem os sinais que os bebês apresentam quando precisam fazer suas necessidades, os transportando para algum lugar onde podem fazer isso de maneira higiênica, como um penico. É um método comumente utilizado em algumas comunidades na África, Ásia, América Central e partes da Europa.

Em “As aprendizagens cotidianas: os cuidados pessoais das crianças como gesto curricular” (BARBOSA, QUADROS, 2017), em conversa com Alma Gottlieb (2012) as autoras relatam que, na comunidade Beng esse método se dá da seguinte maneira:

“A mãe começa a regular os intestinos de seus filhos a partir de poucos dias do nascimento. Um pouco antes do momento do banho, que geralmente ocorre duas vezes ao dia, a mãe aplica um enema que auxilia no controle dos excrementos. O controle das fezes pela criança é muito importante para a comunidade Beng, pois tem fortes consequências espirituais. Segundo as tradições, caso defeque sob certas árvores, especialmente o obi, a criança pode até morrer.” (p. 50)

Alguns dos benefícios desse método podem ser: evitar assaduras e contribuir para o conforto do pequeno, como melhora da cólica, ajudar na criação da consciência corporal, melhorar a comunicação entre pais e filhos, economizar dinheiro e gerar menos lixo para o planeta.

Embora o método apresente todos esses benefícios, é preciso disponibilidade e paciência e persistência por parte de todos que participam da vida do bebê para que se obtenha sucesso. Além de que, não há nenhum estudo a longo prazo que indique que o método é seguro para a criança, já que com tão pouca idade o bebê ainda não está pronta para adquirir tal habilidade, e, segundo alguns médicos, a mãe segurar o bebê no penico não é natural, algo essencial no processo do desfralde.

Como professora de educação infantil considero que a estratégia mais utilizada é derivada dos estudos de Barry Brazelton, punir o bebê é algo que vai contra a cultura encontrada nas escolas de educação infantil.

As dicas dadas aos pais se assemelham muito com as dicas encontradas no texto Bainer e Hale, principalmente no que se refere à comunicação com a escola.

Esse é um fator que eu considero essencial ao se passar pela experiência do desfralde: os pais por muitas vezes se mostram inseguros, principalmente se o filho é o primogênito e essa é a primeira vez que estão experienciando o desfralde. Por conta disso, por diversas vezes se apoiam na escola para instruções e dicas de como agir nesse período.

Esse é um dos motivos pelos quais é tão necessário que a formação em pedagogia se preocupe em educar as futuras profissionais também sobre a questão do desfralde. Ademais, na creche esse é um período muito importante para as crianças, já que elas sentem como se fosse parte do ritual de sair da fase de bebê e se entra na parte da infância. A partir do desfralde, eles se tornam 'crianças grandes'.

Por conta disso, no próximo capítulo iremos olhar para a prática e para as contribuições das crianças.

CAPÍTULO 3 - AS CONTRIBUIÇÕES DAS CRIANÇAS SOBRE O DESFRALDE

Neste presente capítulo iremos olhar para a contribuição das crianças em relação ao desfralde. Quais são suas falas, ações, movimentos, sentimentos que demonstram a opinião deles sobre tal.

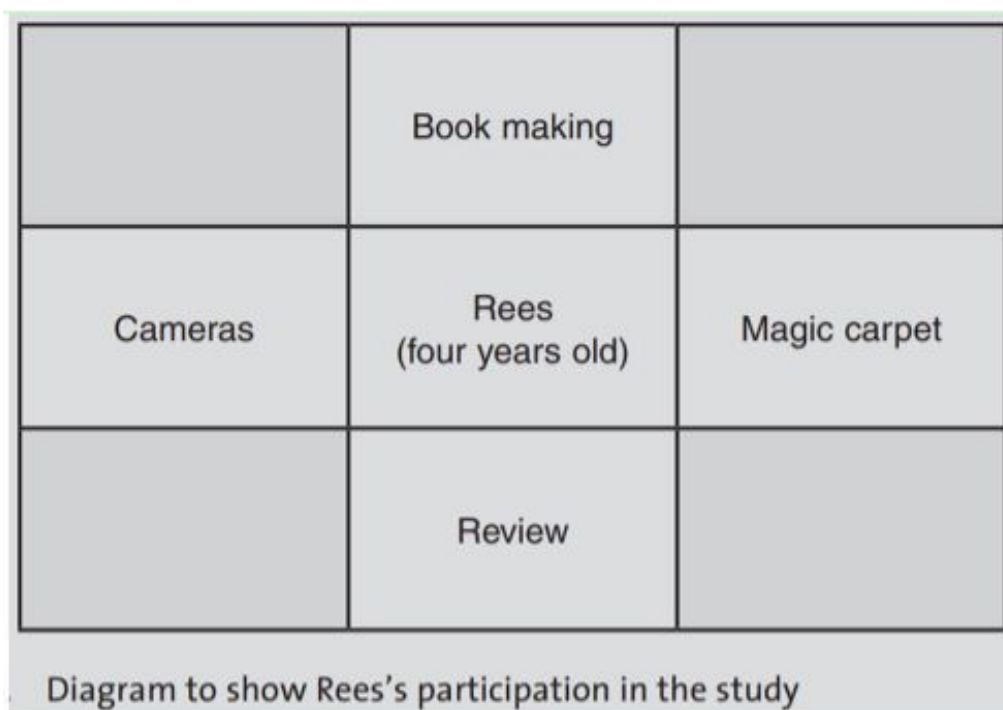
É importante observar que no capítulo anterior, com a leitura dos textos foi possível perceber que a maior parte da teoria é direcionada aos pais, sobre como é para os adultos passar por esse momento, o objetivo deste capítulo é analisar se há discrepância de falas, falta de informações e concordância entre a abordagem dos adultos pesquisadores e das crianças durante sua vivência.

Para fazer tal análise a abordagem escolhida foi a mosaico. (Clark, 2001, 2005). A abordagem mosaico, baseada nos trabalhos de Reggio Emilia e nas suas observações sobre a competência das crianças, busca usar de mais de um método para ouvir a criança.

De acordo com Rinaldi (2006), ouvir é:

“Como uma metáfora para ter a abertura e sensibilidade para ouvir e ser ouvido - ouvir não apenas com nossos ouvidos, mas com todos os nossos sentidos (visão, tato, olfato, paladar, orientação). Por trás do ato de ouvir, muitas vezes há uma curiosidade, um desejo, uma dúvida, um interesse; Há sim sempre emoção. Ouvir é emoção; é gerado por emoções e estimula emoções ”
(Rinaldi, 2006, p. 95).

Portanto a abordagem mosaico reconhece as diferentes linguagens da criança, não apenas a verbal, estimulando no adulto uma escuta sensível para perceber o que a criança quer dizer. A imagem a seguir mostra um mosaico feito por Clark (2005) para exemplificar.



Podemos perceber a centralidade da criança e seus diferentes modos de demonstrar, todos compondo o mosaico. As peças não precisam ser sempre as mesmas, podendo variar de acordo com a necessidade do pesquisador, o convívio com a criança, o contexto da observação, etc.

Com o objetivo de conhecer a contribuição das crianças sobre o desfralde, serão tratados 2 casos que foram observados durante meu tempo na universidade. Os dois observados na escola pública durante os estágios obrigatórios.

Para cada uma das crianças a abordagem será diferente, cada uma terá seu próprio mosaico composto por informações coletadas a partir dos momentos vividos durante esses estágios. Ao final iremos observar como cada uma das crianças observou e viveu o desfralde e quais as contribuições de cada uma delas.

3.1 Primeiro mosaico: P.

A primeira criança a ter seu mosaico é P. Conheci P. no ano de 2018 durante um estágio obrigatório de educação infantil. Para a construção de seu mosaico escolhi 4 vivências: A cena descrita no diário de campo com foco nas falas da

criança, a cartografia produzida, as falas dos adultos responsáveis pela criança e a minha análise sobre a cena.

	Cartografias	
Análise do pesquisador	P. 2 ANOS	Cena descrita no diário de campo
	Falas dos adultos	

Diagrama para mostrar a participação de P. no estudo.

Iremos começar pela cena descrita no diário de campo, cujo foi escrito logo após eu sair da creche com o intuito de anotar tudo que me instigou durante o dia.

Cena descrita no diário:

“A primeira cena que irei descrever necessita de contextualização . Uma semana antes, enquanto as crianças iam chegando e se sentavam para assistir a televisão, a professora e uma das auxiliares conversavam sobre uma das crianças, o P.

A professora conta que, no dia anterior, tinha conversado com a mãe sobre o desfralde. Isso porque segundo ela, o menino constantemente pedia para usar o banheiro junto com os outros amigos e na hora da troca reclamava de colocar a fralda.

A professora então sugeriu à mãe que começasse o desfralde já que o aluno parecia estar pronto. A professora seguiu contando que a mãe não aceitou bem a ideia, dizendo que ela trabalhava no período da noite e não queria que a avó, com quem o menino ficava, tivesse que limpá-lo caso um acidente do gênero acontecesse.

A auxiliar sugeriu então que a professora pedisse para a mãe enviar fraldas calça, do tipo que não tem as abas, mas a criança coloca como uma roupa íntima. A professora concordou com a ideia, já que dessa maneira ele poderia tirar a calça para usar o vaso mas ainda estaria usando-a, sendo impossível que um acidente acontecesse, considerando as preocupações da mãe.

No dia da cena que vou descrever P. já estava usando a fralda calça havia alguns dias. Eu fui ao banheiro com algumas crianças após o almoço, e P. foi comigo. Ele abaixou a calça e a fralda calça e me disse: ‘Sabia tia, que eu agora não uso fralda de neném, eu uso fralda de mocinho!’. Segui perguntando qual era a diferença entre as duas e ele me disse: ‘Uma delas a tia tem que fechar, a outra eu só puxo pra cima e dá pra fazer xixi no vaso.’”

O segundo ponto que irei usar para compor o mosaico é a análise feita por mim sobre a cena, descrita no trabalho final da disciplina EP913.

Análise do pesquisador:

Analisando essa situação específica pude perceber a importância de considerar a criança um sujeito independente das vontades e desejos dos outros sobre ele, no sentido de que a criança tem seu próprio tempo, e age muitas vezes de acordo com ele, e cabe ao adulto se ajustar a isso.

Hale e Bainer (2009) afirmam que:

“Usar o banheiro rapidamente se torna um fator tão básico da vida que até os mais resistentes se juntam aos outros. Dando à criança um fundamento forte de suporte e confiança, eles estão prontos e capazes de atingir esse marco com orgulho e satisfação” (p. 7)

O desfralde é um evento que deve acontecer considerando o tempo de cada criança, alguns passam por isso mais cedo que outros, o papel daqueles que interagem com essa criança é apresentar a criança a esse aspecto da vida social.

Ao discutir o desfralde em sala de aula, uma fala da professora Gabriela me marcou ao contar uma experiência em que as crianças ficavam em volta de seus pares quando os mesmos usavam o vaso, observando atentamente. Nesse caso, P. também desenvolveu um interesse na interação e observação com seus colegas que já haviam passado pelo desfralde e durante o estágio pude perceber outras diversas situações em que as crianças aprenderam na interação com os colegas, o que me parece um aspecto fundamental da educação infantil.

Especificamente nesse caso foi possível ver a professora agir de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, garantindo às crianças experiências que: ‘VI - possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar;’

Em suma, o cuidar e o educar no desfralde se complementam, sendo preciso cuidar da higiene da criança, e ao mesmo tempo ensiná-lo como fazer isso sozinho.

A terceira peça do mosaico é a análise das falas dos adultos responsáveis pela criança, nesse caso a professora, a auxiliar de sala e indiretamente a mãe. As falas que escutei estão descritas na cena, portanto aqui iremos apenas observar qual foi a análise da pesquisadora sobre as falas.

Análise das falas dos adultos:

A família e a escola desenvolvem um trabalho juntas, e neste caso ambos os lados precisam dialogar para chegar a um lugar comum. Foi interessante perceber que a professora não partiu de um lugar de julgamento sobre a escolha da mãe, mas sim de um lugar de mediação, em relação a necessidade dela e as vontades da criança.

Ainda segundo as diretrizes nacionais um dos princípios que deve ser seguido pela escola é o de: ‘assumindo a responsabilidade de compartilhar e complementar a educação e cuidado das crianças com as famílias’.

O desfralde é um evento importante na educação infantil, e foi bom ver como pode ser levado com leveza e naturalidade, respeitando a vontade da família e o tempo da criança ao criar soluções que atendam ambas as demandas.

Por último as cartografias serão analisadas.

Análise das cartografias:

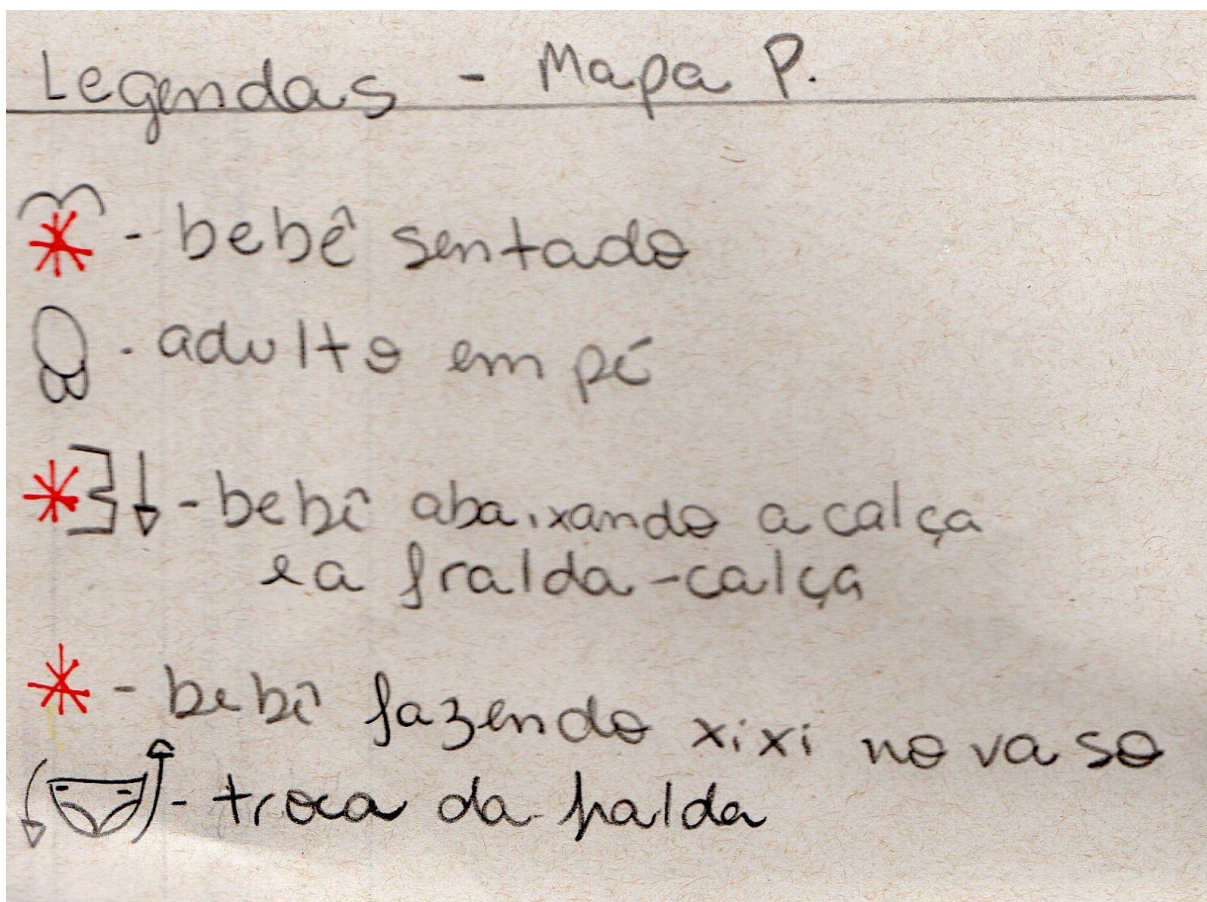
As cartografias são um modo de registro, escolhido para essa pesquisa por sua potencialidade de viabilizar os bebês e seus trajetos, as linhas que traçam diariamente, que muitas vezes passam despercebidas.

Dessa forma, a cartografia permite investigar processualidade, cuja pesquisa constrói informação pautada na coleta e análise de informação, segundo Barros e Kastrup (2010):

Se ao contrário, entendemos o processo como processualidade, estamos no coração da cartografia. Quando tem início uma pesquisa cujo objetivo é a investigação de processos de produção de subjetividade, já há na maioria das vezes um processo em curso (p. 58).

Nesse sentido, a cartografia foi escolhida para viabilizar os bebês, e observar atentamente seus fluxos, traçar redes em que os bebês sejam protagonistas e observar suas relações cotidianas.

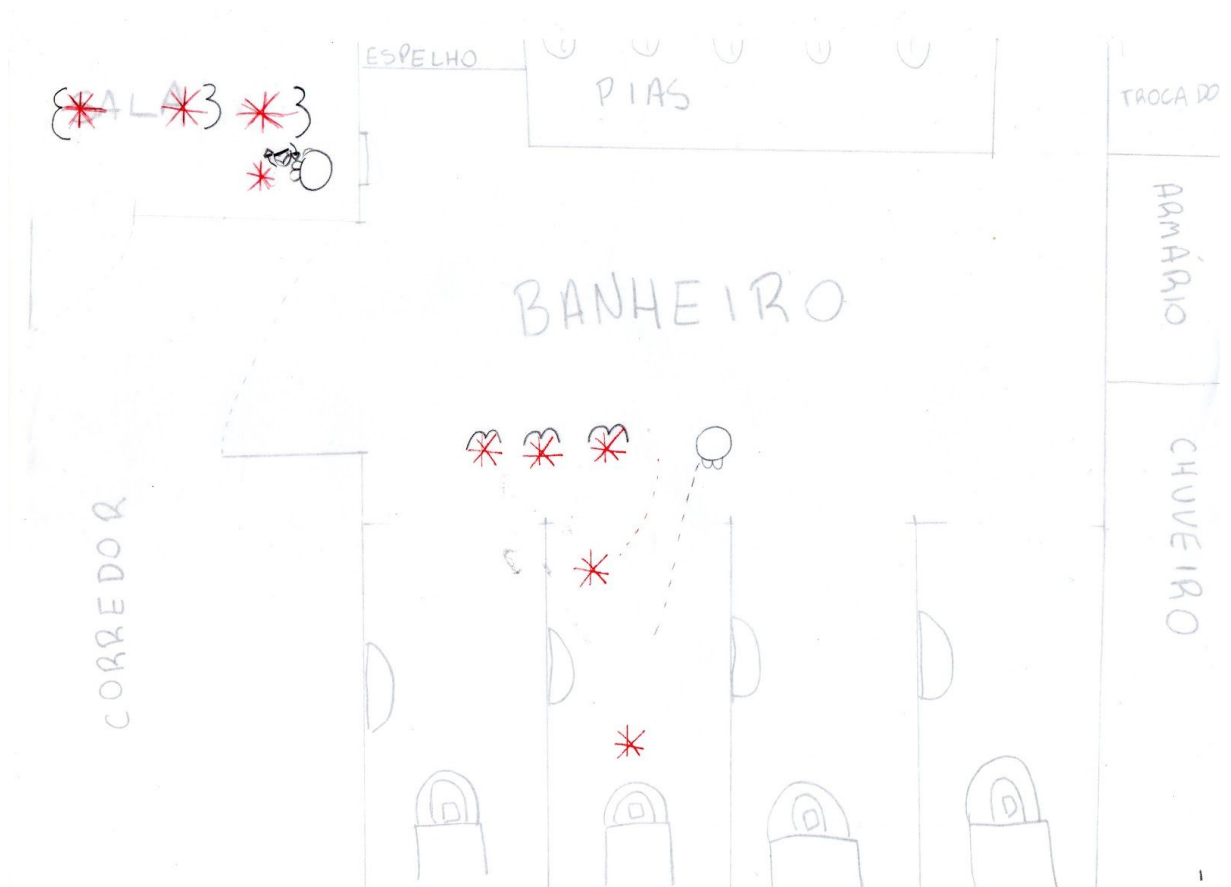
Primeiro será apresentada a legenda para compreender a cartografia, em seguida o mapa base, que apresenta o espaço onde a cena se passa. A seguir, cada uma das folhas que compõem a cartografia, em ordem cronológica.



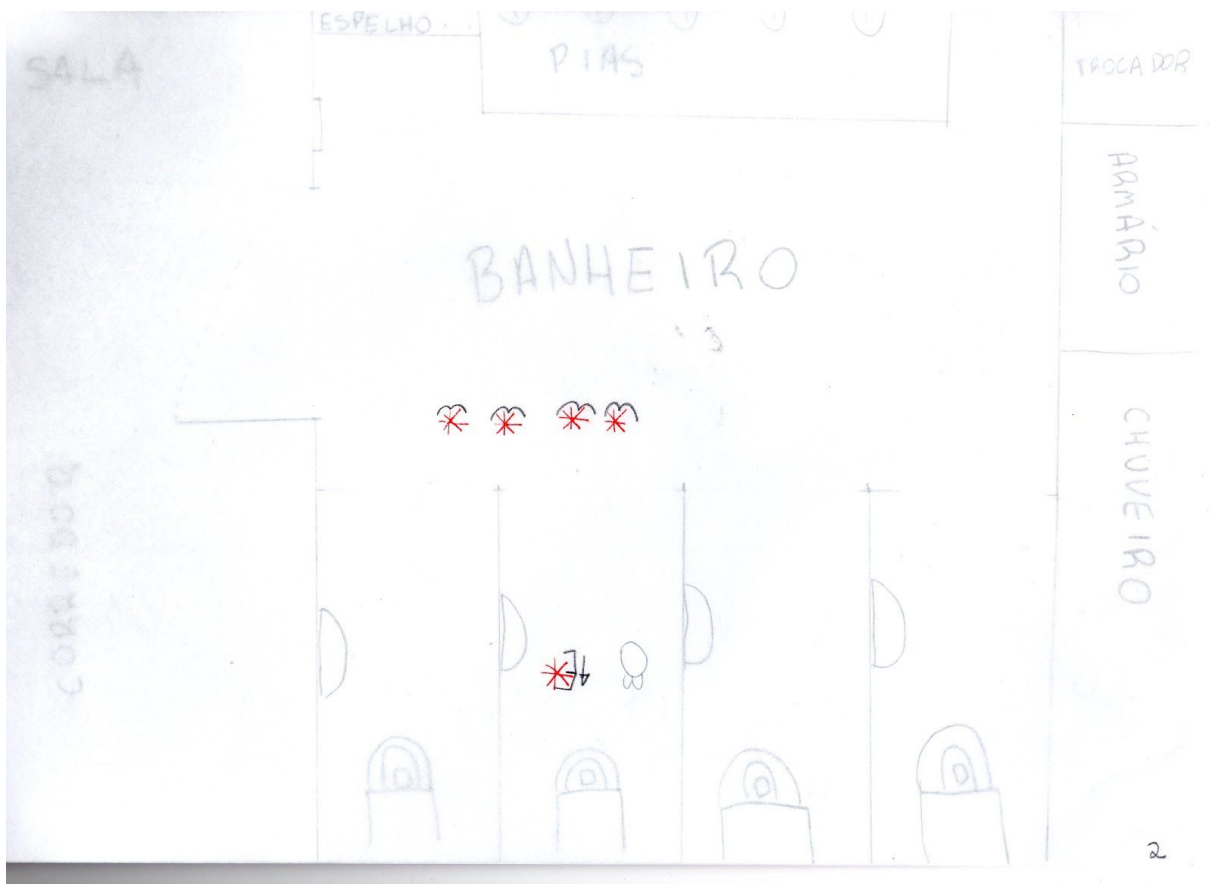
Legenda do mapa



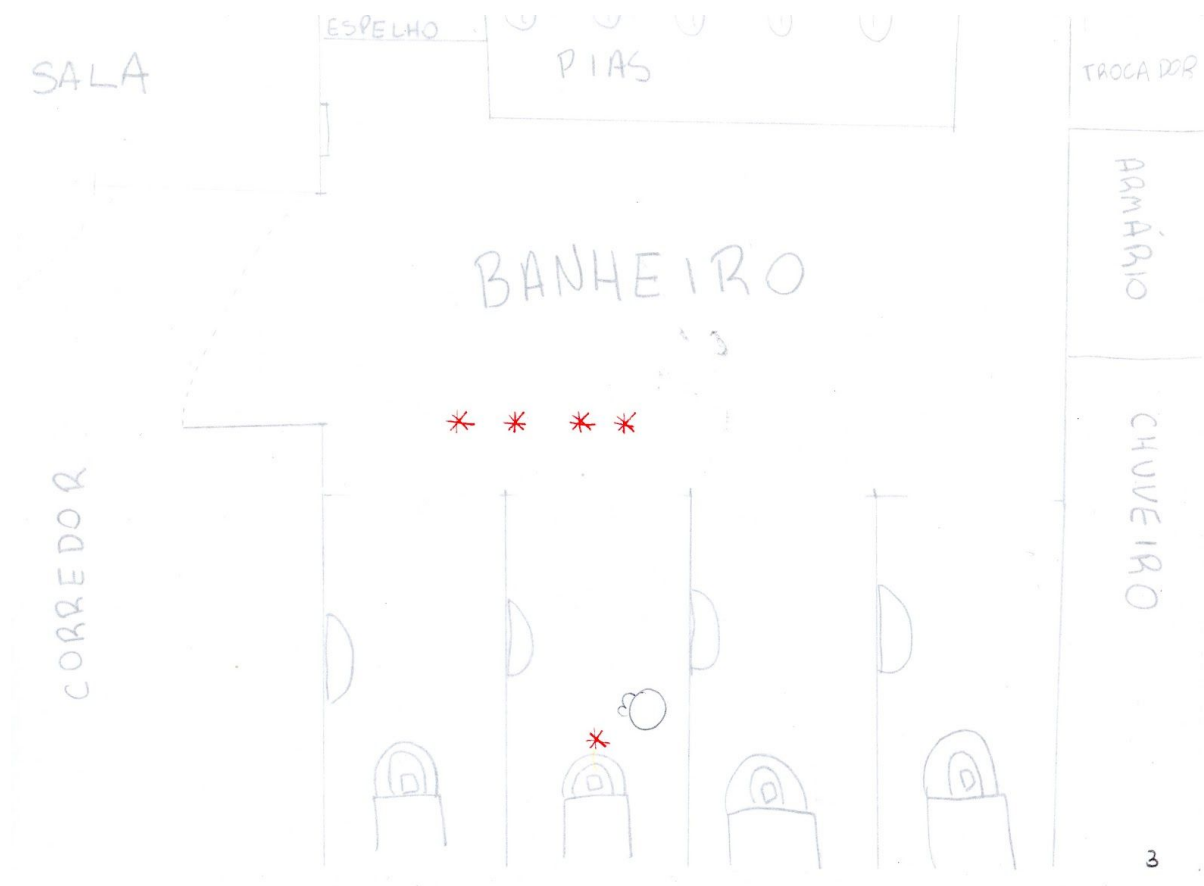
Mapa base



Mapa base e folha 1



Mapa base e folha 2



Mapa base e folha 3

Analisando a cartografia é possível perceber um movimento comum em diversas escolas de educação infantil: ir ao banheiro em conjunto. Por facilidade para observar e auxiliar todas as crianças quando for necessário. Esse movimento é pouco discutido nos textos e tem um impacto na vivência dos bebês em se tratando do desfralde.

Percebe-se que, na primeira folha, é possível ver algumas crianças na sala, trocando a fralda com auxílio da professora, e outras no banheiro. É algo comum na idade do desfralde, considerando que cada criança segue um ritmo e nem todos se desfraldam ao mesmo tempo.

O rito de passagem que vem com o desfralde constantemente é comemorado e discutido entre os pares. As crianças começam a se reconhecer como 'crianças grandes' e não mais como bebês quando saem das fraldas, como um ingresso em um novo mundo, em um novo período da vida.

Na cartografia é possível ver os bebês sentados observando seus pares utilizarem o vaso. Eles também conversam entre si e a hora de ir ao banheiro se torna uma atividade coletiva, mesmo sendo o desfralde um processo pessoal e diferente para cada um dos bebês.

3.2 Segundo mosaico: R.

O segundo mosaico é baseado na vivência de R. Esse episódio foi observado em 2019, durante um estágio obrigatório em uma creche pública em Campinas. Para a construção de seu mosaico escolhi 5 vivências: A cena descrita no diário de campo com foco nas falas da bebê e na brincadeira que ela realiza, outra peça do mosaico, a cartografia produzida, minha análise sobre a cena no relatório de estágio e uma análise da tirinha escolhida para apresentar o trabalho em sala na universidade.

	Cartografias	
Análise do pesquisador no relatório de estágio	R. 2 ANOS	Cena descrita no diário de campo
	Análise da tirinha escolhida para apresentação do trabalho	Brincadeira da bebê

Diagrama para mostrar a participação de R. no estudo.

Começaremos pela cena descrita no relatório de estágio. Lembrando que a descrição é baseada nas anotações feitas no diário de campo, que era escrito logo após cada visita à creche.

Cena descrita no diário de campo:

Era sexta feira, dia do brinquedo e R., um bebê de dois anos estava na sala de aula brincando com as outras crianças. A auxiliar conversava com a professora enquanto eu estava ao lado e as duas

decidiram que iriam olhar a fralda de todas as crianças pra verificar se havia a necessidade de troca.

Elas começaram a chamar os bebês ou ir buscá-los para começar esse processo. R. foi uma das primeiras a serem trocadas. A professora conversou com ela durante toda a troca. “Que linda sua boneca, qual o nome dela?” “A professora vai pegar uma fralda nova pra você tá, espera aí.” e “Joga a fraldinha suja ali no lixo pra mim, por favor?” foram algumas das frases que ouvi durante a troca, não conseguindo anotar tudo, já que também tentava observar o que acontecia no restante da sala.

R. retornou a brincadeira depois da troca e percebi que sua maneira de brincar com a boneca havia mudado. Me aproximei dela e comecei a brincar junto, tentando observar qual era o novo jogo que ela desenvolvia. Ela levantava o vestido da boneca e passava a mão em seu bumbum, depois abaixava o vestido e pegava a bebê no colo de novo. “Você está trocando a bebê?” perguntei a ela. Ela me disse que sim. “Fralda tia!” ela me pediu estendendo a mão. Eu entendi que deveria pegar uma fralda para a troca e então entrei na brincadeira.

Análise do pesquisador:

Aquele momento foi muito interessante para mim, o que mais me marcou foi o fato da menina constantemente fazer carinho na boneca após a “troca da fralda” demonstrando sua afetividade e o quanto aquilo era significativo para ela.

Citando Coutinho (2002):

As amarras históricas que vinculam o cuidado ao atendimento assistencial, e este, por sua vez, à educação da primeira infância, condicionam as posturas educativas das profissionais ao dimensionar o cuidado como menos importante ou talvez até desconsiderá-lo. Mas, como profere Kuhlmann Jr., “não precisamos nos envergonhar dessas dimensões do trabalho pedagógico” (pág. 60), até porque “cuidar” constitui uma atividade humana. Para as profissionais, os momentos de educação e cuidado com o corpo têm, em suas falas, um caráter importante (...). (pág. 09).

É pertinente comentar sobre a dimensão que um momento tão cotidiano pode ter na criança se feito com cuidado e respeito.

Normalmente os momentos de troca e cuidado com o corpo não são tidos como pedagógicos e muitas vezes são terceirizados para outros profissionais, inclusive profissionais sem formação pedagógica. O que podemos analisar se observarmos a quantidade de concursos públicos para a vaga de monitor ou agente de educação infantil, que não exigem diploma em pedagogia.

O que ocorre diversas vezes também é que esses momentos são negligenciados na rotina da creche e são tão rápidos que não há chance de perceber como esses momentos são de grande aprendizagem.

Análise da tirinha escolhida para apresentação

Para apresentar o relatório de estágio foi solicitado que fossemos criativos e utilizássemos formas diferentes de iniciar uma discussão sobre os temas. Para iniciar a discussão sobre a questão do desfralde, escolhi uma tirinha do Tonucci, um famoso pedagogo e desenhista italiano.



Legenda: Professora: “30 segundos”. Bebê: “Será que vale a pena se sujar?”

A tirinha complementa a análise do relatório, mostrando como os momentos de cuidado e higiene são negligenciados. Para o bebê aquele é um momento único,

porém para as cuidadoras aquele é apenas um dos vários bebês e das diversas fraldas que são trocadas diariamente.

Segundo Mota e Barros (2008):

As situações e eventos estressantes na vida das crianças fazem com que elas regridam a etapas de desenvolvimento anteriores, retornando a urinar e evacuar em locais não apropriados, nas crianças com controle adquirido, o aumento do tempo de duração dessa aquisição nessas crianças em treinamento. (p. 13)

Por esse motivo o afeto é tão necessário durante esses momentos de cuidado com o corpo, durante a fase em que os bebês ainda usam fralda, seguindo pelo desfralde até que o auxílio não seja mais necessário. O mesmo aspecto pode ser observado nas cartografias do relato.

Análise das cartografias:

A cartografia será apresentada da mesma maneira que a anterior. Primeiro será apresentada a legenda para compreender a cartografia, em seguida o mapa base, que apresenta o espaço onde a cena se passa. A seguir, cada uma das folhas que compõem a cartografia, em ordem cronológica.

Legenda - n. Mapa

 - bebê sentado

 - adulto em pé

 - conversa

 - adulto sentado

 - boneca

 - interação e brincadeira

 - adulto com bebê no colo

 - chamando nome

 - Olhar

 - direção

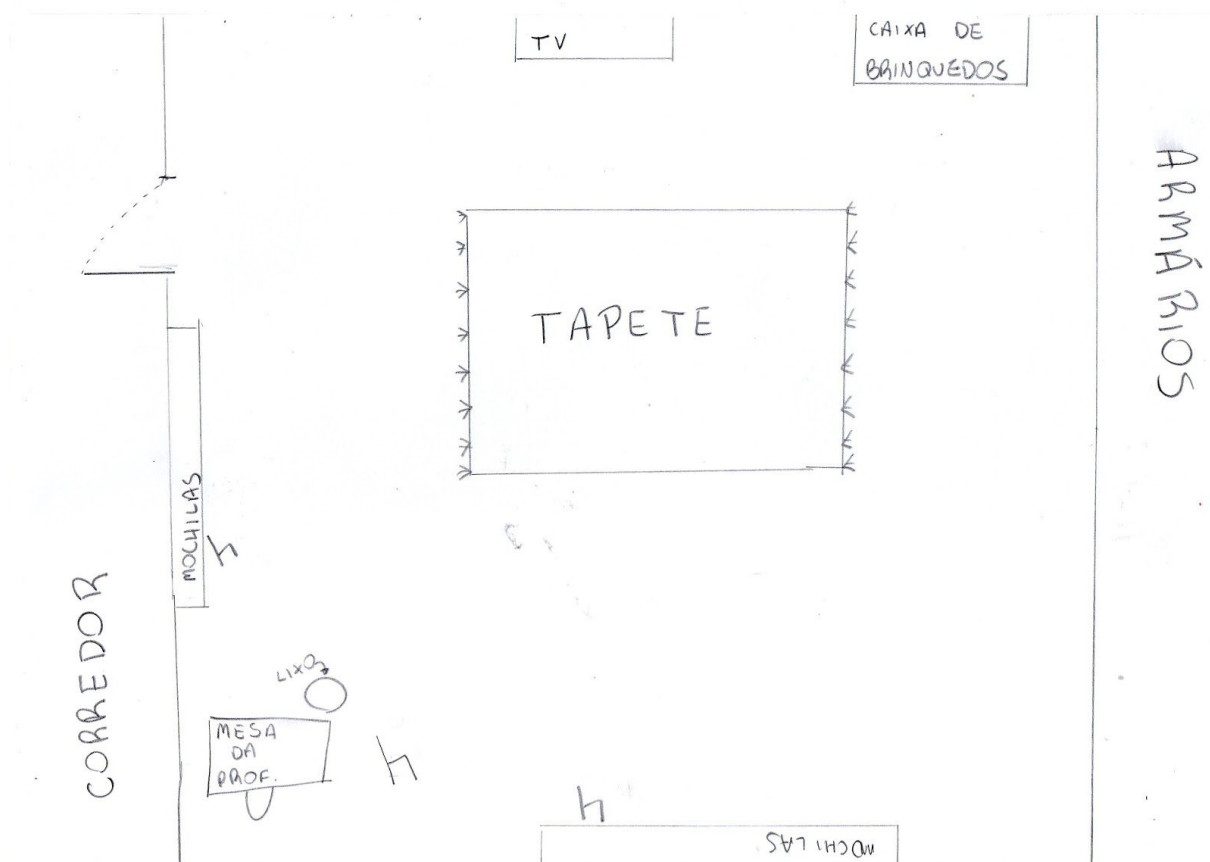
 - fralda

 - troca da fralda

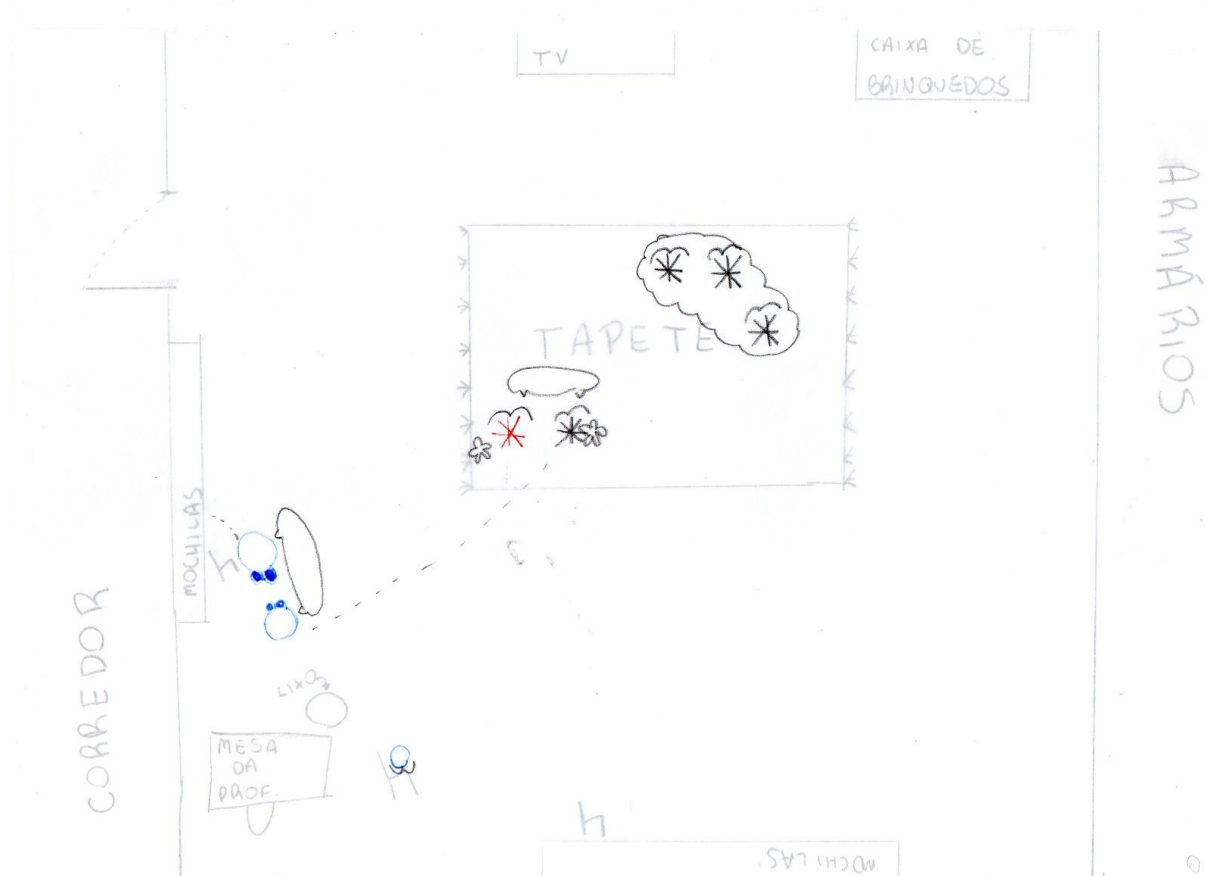
 - bebê de pé

 - fala

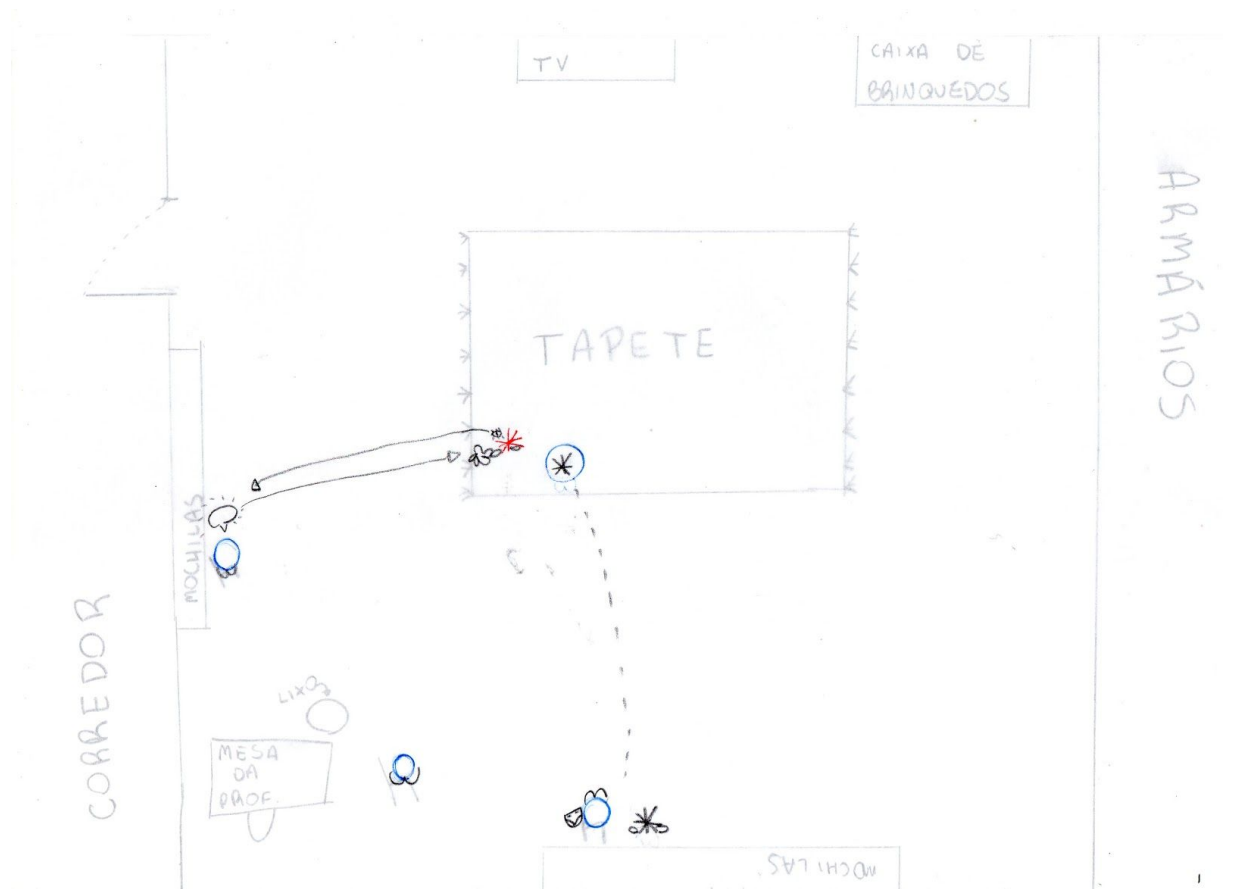
 - imaginação



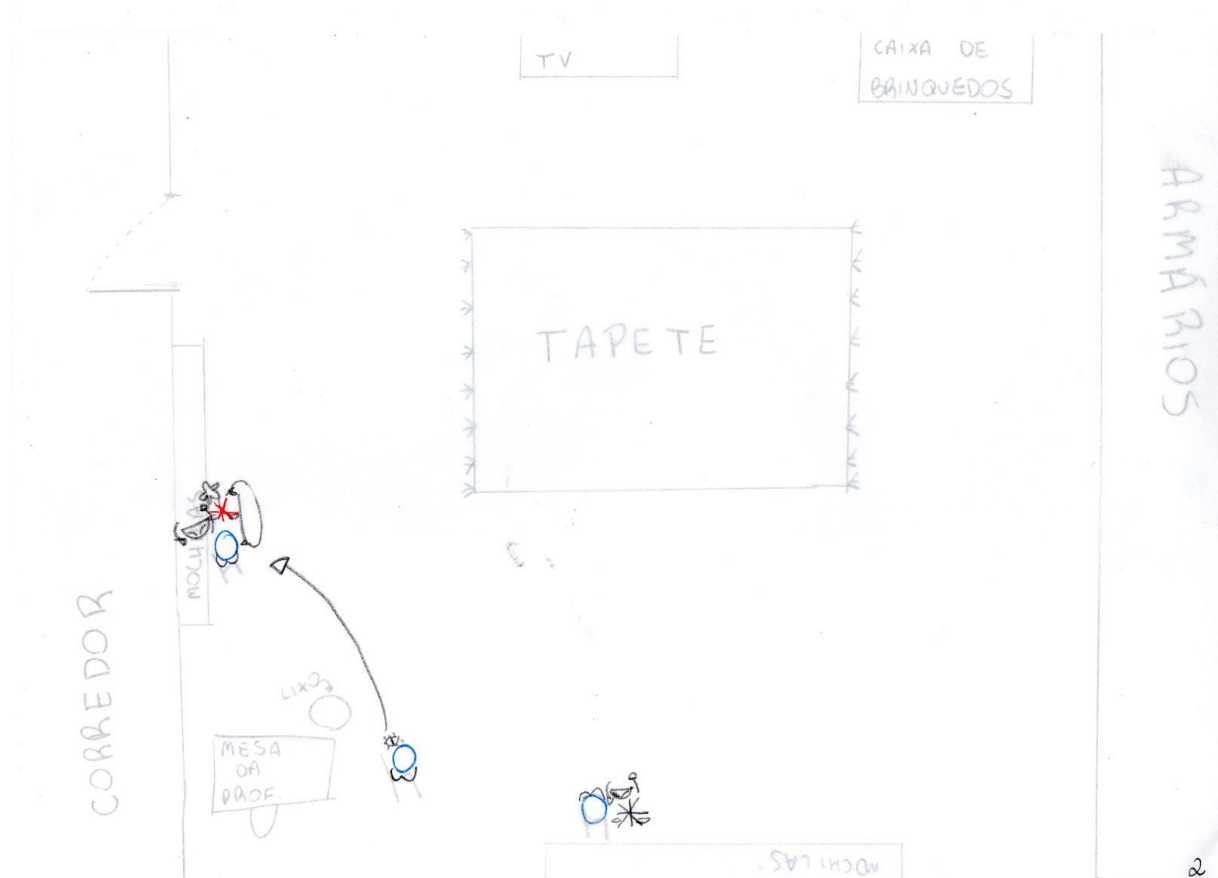
Mapa base



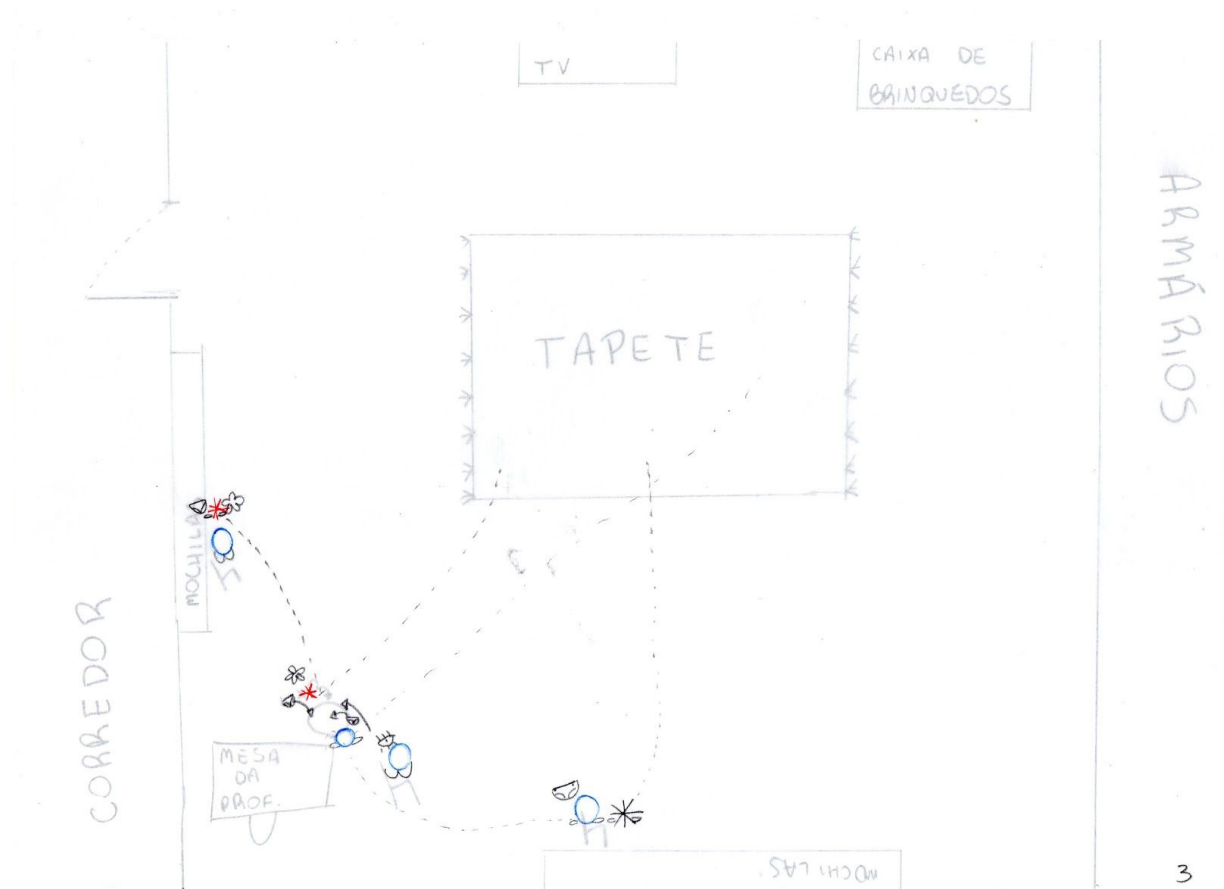
Mapa base e folha 1



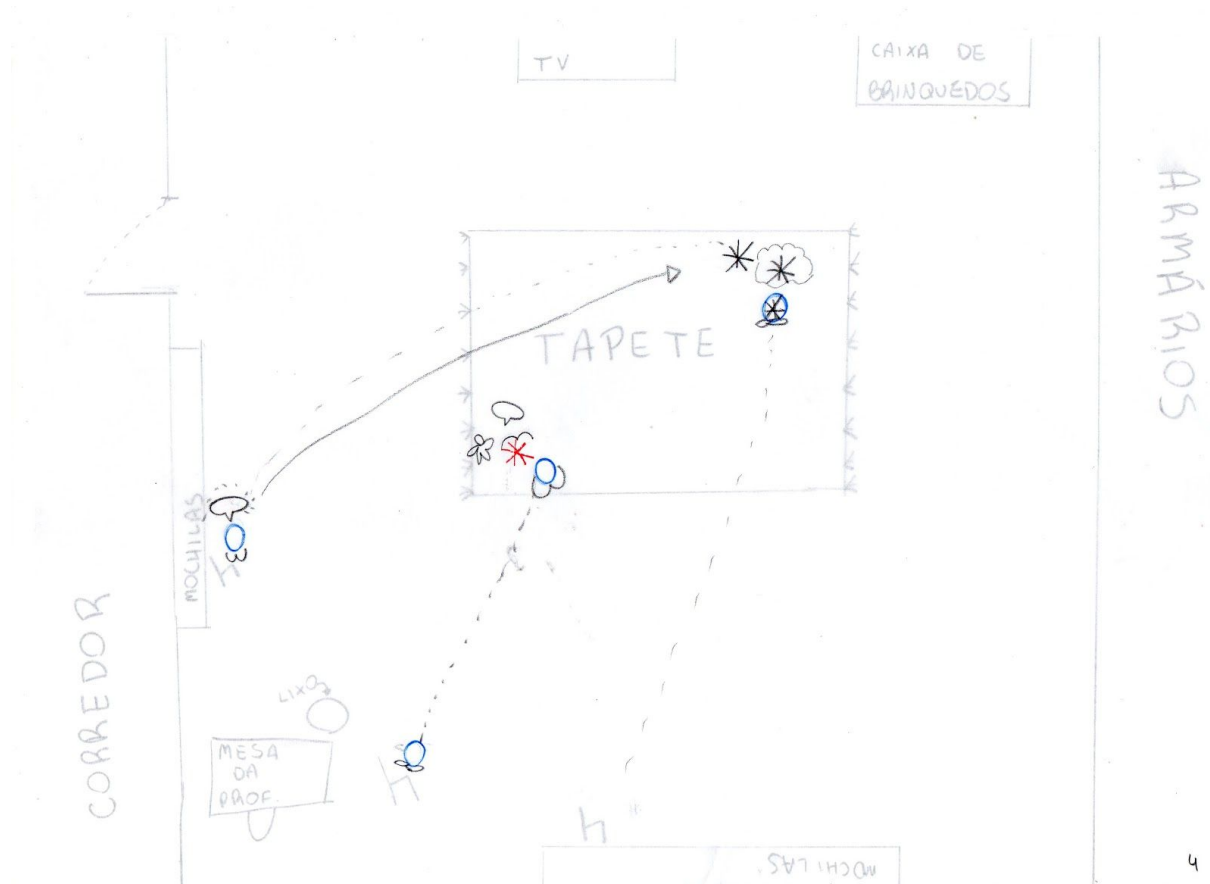
Mapa base e folha 2



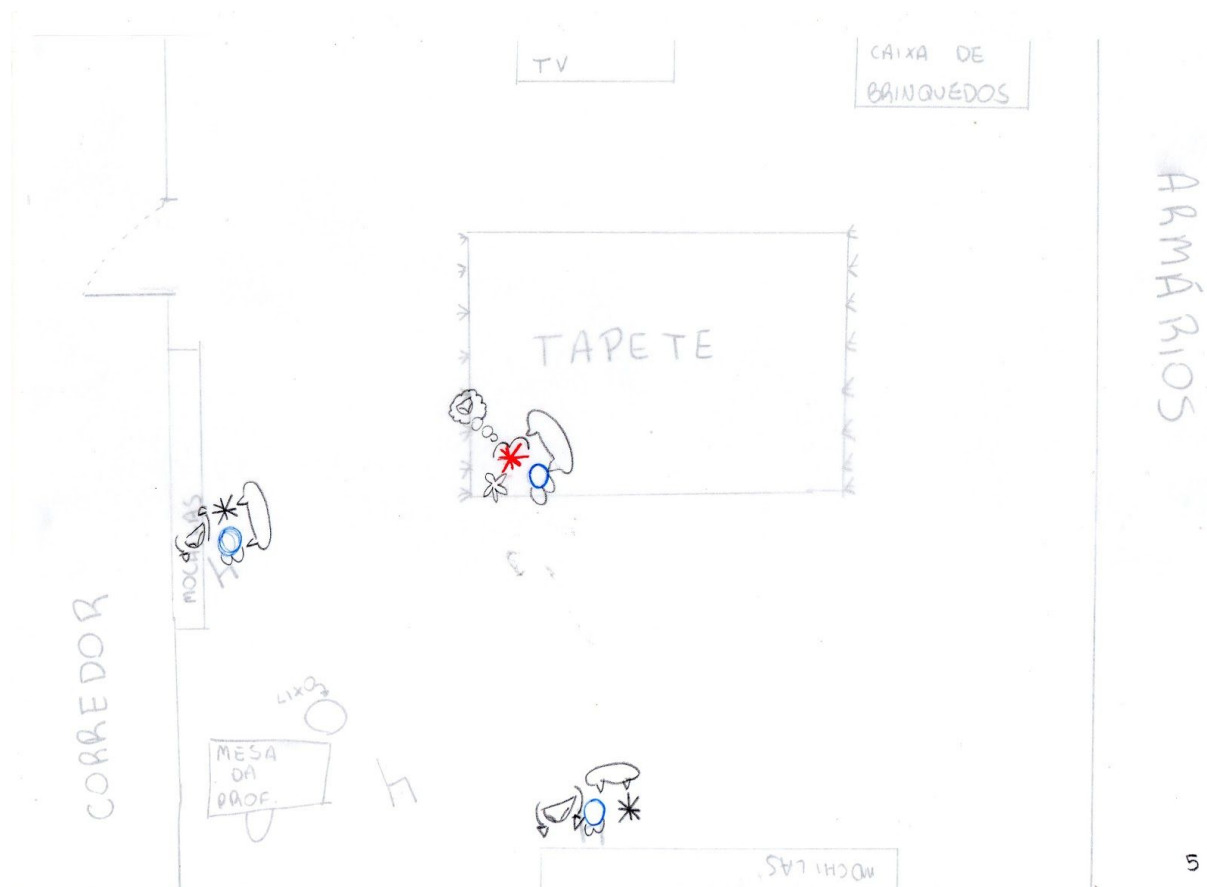
Mapa base e folha 3



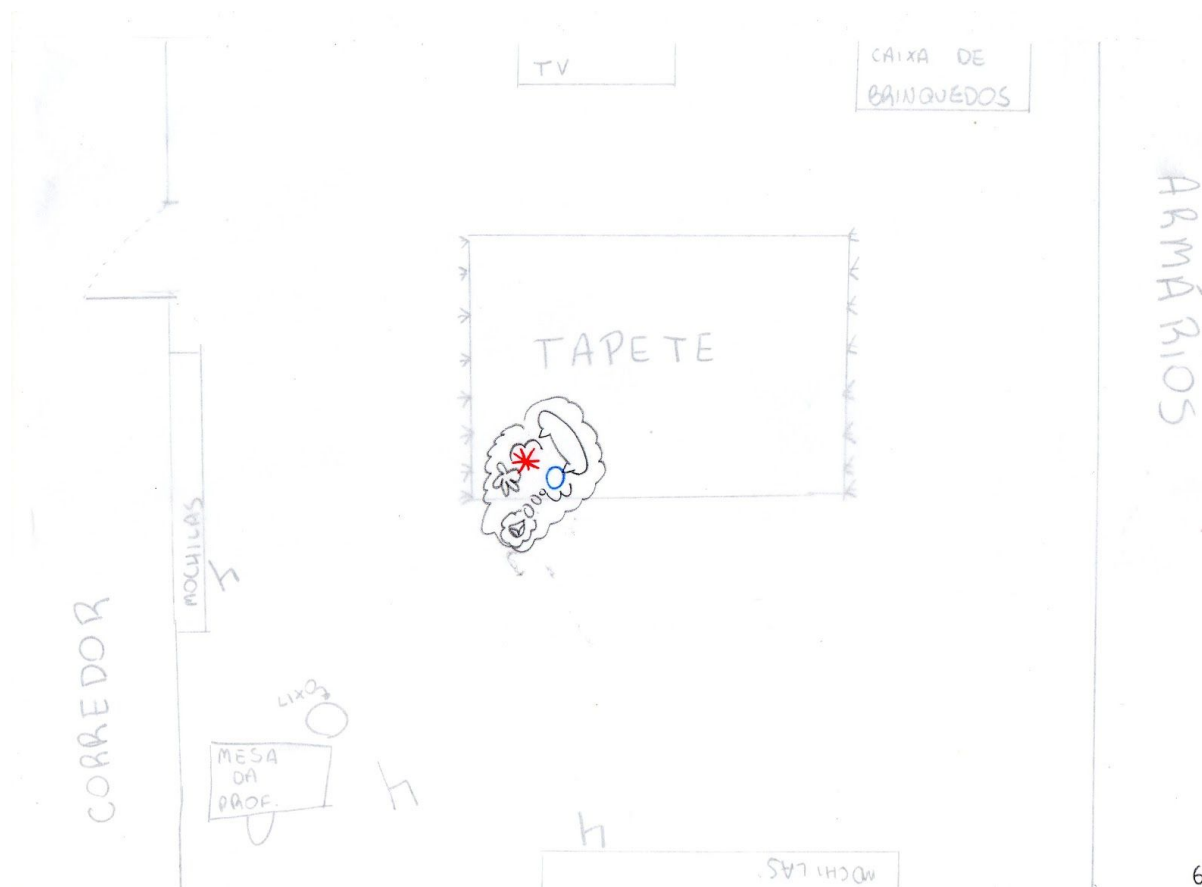
Mapa base e folha 4



Mapa base e folha 5



Mapa base e folha 6



Mapa base e folha 7

Analisando a cartografia todas as observações sobre o afeto durante os momentos de troca ficam claros, para os bebês a troca da fralda é um momento de troca com seu cuidador, principalmente porque se torna um dos únicos períodos do dia em que a atenção daquele adulto está voltada unicamente para aquela criança.

O afeto se relaciona diretamente com a maneira com que a criança se sente em relação à fralda, e consequentemente ao desfralde.

Em se tratando de educação infantil a afetividade é, como já foi dito anteriormente, essencial e o cuidar não se desvincula do educar. Por isso a atenção individual é tão necessária e é direito da criança, afinal:

Quando o professor chega perto do aluno, quando o chama pelo nome, há uma interação que faz o aluno se sentir sujeito do ato de aprender. Isto o anima a interferir no conhecimento, ainda mais quando o professor usa palavras de estímulos à sua capacidade de pensamento. (CUNHA, 2002, pág.72)

O ato de brincar com a criança e tornar a imaginação e o faz de conta parte do processo também é imprescindível. Afinal:

O respeito incondicional ao brincar e à brincadeira é uma das mais importantes funções da educação infantil, não somente por ser no tempo da infância que essa prática social se apresenta com maior intensidade mas, justamente, por ser ela a experiência inaugural de sentir o mundo e experimentar-se, de aprender a criar e inventar linguagens através do exercício lúdico da liberdade de expressão. Assim, não se trata apenas de um domínio da criança, mas de uma expressão cultural que especifica o humano. (BARBOSA, 2009, p. 70).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desfralde é um marco na vida do bebê. É quase como uma ‘iniciação’ à vida como uma ‘criança grande’. Quando é deixado para trás o objeto relacionado à primeira infância, a fralda, e são introduzidos aos pequenos objetos que os acompanharão pelo resto da vida como a calça, a cueca, a calcinha e o vaso sanitário.

Ao refletir sobre o assunto é possível perceber que todo o conceito da utilização do vaso sanitário para fazer suas necessidades é extremamente complexo. Existem diversos processos anteriores a ele: perceber a necessidade de usar o banheiro, ir até lá, abrir o vaso, abaixar a roupa, sentar no vaso ou mirar para fazer xixi, até enfim, usar o vaso. Tudo isso sem contar os processos posteriores.

Exatamente por tamanha complexidade o desfralde pode ser assustador, tanto para bebês como para os adultos. Porém não precisa ser assim, o desfralde pode ser leve, natural e até mesmo divertido se iniciado no momento certo, e conduzido de maneira positiva.

Na pesquisa teórica foram levantadas duas tendências principais em se tratando da prontidão para iniciar o processo do desfralde. Na primeira tendência se afirma que a criança dá sinais de prontidão como reconhecer que está molhado e avisar o adulto, por exemplo.

Já na segunda tendência se defende que há uma idade certa para realizar o desfralde, e que, mesmo com os sinais sendo um marco importante, a idade é o fator determinante.

Observando as cenas descritas no capítulo 3 é possível observar na prática questões levantadas durante a pesquisa teórica.

Na primeira cena fica clara a questão da prontidão infantil. O desfralde é um processo individual e não cabe ao adulto controlá-lo, e sim auxiliar e ensinar a criança. Mota e Barros (2007) evidenciam ao afirmar: “Estar ‘pronto’ para esta etapa é importante para torná-la mais prazerosa e de menor duração.”

Ainda no primeiro mosaico é viável destacar a questão da integração escola e família. Quando os adultos trabalham juntos, o desfralde ocorre de maneira muito mais simples. Bainer e Hale (2009) afirmam que: “o desfralde vai acontecer

naturalmente e facilmente se trabalharmos juntos como um time de crianças, família e escola. (p. 1)

Como profissionais da educação, é importante lembrar que é objetivo da educação infantil garantir que a criança ganhe autonomia em relação aos processos diários, e esse processo se torna muito mais simples se feito em parceria com a família.

É significativo lembrar que o desfralde é um processo social que ocorre de maneira diferente dependendo do contexto em que a criança se encontra. Em comunidades e lugares diferentes, a forma pela qual a criança toma responsabilidade sobre suas necessidades é diferente.

Durante a análise do segundo mosaico podem ser evidenciadas outras questões abordadas nos capítulos anteriores.

A primeira é a clara integralização entre cuidar e educar. Coutinho (2002) defende que : “cuidar” constitui uma atividade humana. Para as profissionais, os momentos de educação e cuidado com o corpo têm, em suas falas, um caráter importante.

Ainda há uma separação em se tratando dos aspectos considerados ‘pedagógicos’ e os que não são tidos como tal dentro do ambiente escolar. Contudo, a cena analisada mostra que todo momento de interação é um momento de aprendizado, incluindo os momentos de cuidado. Por isso é necessário formar profissionais competentes e aptos a tal.

Em se tratando especificamente do desfralde, durante a pesquisa percebi a necessidade de se estudar mais o assunto, pois há pouca bibliografia, mesmo sendo esse um período tão importante do desenvolvimento infantil.

Há, inclusive, alguns aspectos observados no capítulo 3 que não são abordados por nenhuma das referências teóricas, como a importância da troca entre pares no momento do desfralde, vista em ambos mosaicos.

A segunda temática evidenciada no segundo mosaico é a afetividade. Barbosa (2009) mostra essa questão ao dizer que:

“Afinal, ao educar e cuidar de crianças pequenas, o professor não oferece apenas aquilo que sabe, mas também aquilo que é através das interações. Há uma especificidade clara no trabalho do professor de educação infantil que é a de ter a sensibilidade para as linguagens da criança, para o estímulo à autonomia” (p. 20)

O afeto não deve estar presente somente durante os momentos de cuidado, mas também durante o período do desfralde. Hale e Bainer (2009) afirmam que: “Abraços extras e carinhos durante a transição auxiliam para que todos deixem essa parte da primeira infância e ainda ter todas suas necessidades emocionais encontradas.” (p. 1)

Concluindo, o desfralde é um processo pelo qual todos os seres humanos passam. Tomar para si a responsabilidade sobre seu próprio corpo é um processo importante e empoderador. A saída da vida de bebê e o ingresso para o período da infância não precisa ser difícil, forçado e traumático. Pode ser fácil, leve e um período de tempo onde se constroem boas lembranças. O papel dos adultos é buscar conhecimento necessário para atravessar essa transição da melhor maneira possível, apoiar a criança e dar a ela todo afeto necessário. Em conjunto, escola, família e criança podem realizar um desfralde positivo e natural.

BIBLIOGRAFIA

ADESSI, Anna Rita, **The Musical Dimension of the daily routines with under-four children: Changing diapers, before sleeping, the lunch, free play.** England, 2008. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/237443152_THE_MUSICAL_DIMENSION_OF_THE_DAILY_ROUTINES_WITH_UNDER-FOUR_CHILDREN_CHANGING_THE_DIAPER_BEFORE_SLEEPING_THE_LUNCH_FREE-PLAY> Acesso em: 16 jul 2020.

BAINER, Claire, HALE, Liisa. **From Diapers to Underpants.** Oakland, 2009.

Disponível em:

<<https://docplayer.net/27364525-From-diapers-to-underpants-by-claire-bainer-m-a-e-d-and-liisa-hale.html>> Acesso em: 20 set.2019

BARBOSA, Maria Carmen Silveira et al. **Práticas cotidianas na educação infantil–bases para a reflexão sobre as orientações curriculares.** Brasília: Ministério da Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica.

Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BECK, Lisa Marie. **More Than "Just" Changing Diapers** : The Experiences of Preservice Early Childhood Teachers in Infant Field Placements. Proquest, Umi Dissertation Publishing, Charleston SC, United States, 2011.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin et al. **As crianças no interior da creche: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação.** 2002.

FREZZATO, Adriana. **Desfralde: Contribuições para o debate**. Campinas, SP: [s.n.], 2019.

GOH, Cibele, KLEIN, Laura, CORRÊA, Matheus, FRUGERI, Fernanda, SILVA, Wesley, LOREA, Cecília, MOTA, Denise. **Trenzinho do banheiro: Conhecimentos sobre o treinamento esfinteriano no ambiente escolar**. Pelotas, 2013.

Disponível em:

<<https://docplayer.com.br/140623004-Trenzinho-do-banheiro-conhecimentos-sobre-o-treinamento-esfinteriano-no-ambiente-escolar.html>> Acesso em: 23 jun 2020.

GOTTLIEB, Alma. **Tudo começa além da vida: a cultura dos recém-nascidos no oeste da África**. Trad. Mara Sobreira. São Paulo: Fap-Unifesp, 2012. 536p.

KASTRUP, V. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32-51.

_____.; BARROS, R. B. **Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 76-91.

KUDE, V. M. M. **Qualidade do Atendimento na Educação Infantil: um estudo em duas culturas**. Educação, v. 27, n. 2, 5 set. 2006.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Bauru, SP: EDUSC/ Salvador, BA: EDUFBA, 2012

MARANHÃO, Damaris Gomes. **O cuidado com o elo entre saúde e educação**. Cad. Pesqui. São Paulo, n. 111, p. 115-133, Dez. 2000 . Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742000000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 Agosto 2020.

MCGILLOWAY, S, HYLAND, L, NIMHAILLE, G, LODGE, A, O'NEILL, D, KELLY, P, et al **Positive Classrooms, Positive Children**. A Randomised Controlled Trial to Investigate the Effectiveness of the Incredible Years Teacher Classroom Management Programme in an Irish Context (Short-term Outcomes). National University of Ireland, Maynooth, 2012.

MOTA, Denise M. et al . **Avaliação longitudinal do controle esfincteriano em uma coorte de crianças Brasileiras**. J. Pediatr. (Rio J.), Porto Alegre , v. 86, n. 5, p. 429-434, Out. 2010 . Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572010000500013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 Jul. 2021.

_____, Aluisio J. D.. **Treinamento esfincteriano: métodos, expectativas dos pais e morbidades associadas**. J. Pediatr. (Rio J.), Porto Alegre , v. 84, n. 1, p. 9-17, Feb. 2008 . Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572008000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 Jun 2020.

MUNJIATI, Munjiati; FITRIYANI, Aris; WALIN, Walin. **The Effect of Disposable Water (Diaper) Usage Toward Toilet Training Behavior In Pre-School Children**. KEMAS: Jurnal Kesehatan Masyarakat, [S.l.], v. 13, n. 2, p. 145-151, nov. 2017. ISSN 2355-3596. Disponível em:
<<https://journal.unnes.ac.id/nju/index.php/kemas/article/view/7242>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

NUNES GC, ARAÚJO EJ, COLOMBELI EM, SOUZA JA. **A percepção dos educadores acerca da disfunção eliminatória**. Resid Pediatr. 2017;7(3):97-101
DOI: <https://doi.org/10.25060/residpediatr-2017.v7n3-03>

PEREIRA, Ângela et al . **Treino do bacio: estudo observacional numa amostra de crianças saudáveis entre os 18 e os 42 meses.** Rev Port Med Geral Fam, Lisboa , v. 31, n. 2, p. 105-115, abr. 2015 . Disponível em:

<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-51732015000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 jun. 2020.

PIRES, Flávia Ferreira; NASCIMENTO, Maria Letícia Barros Pedroso. O **propósito crítico**. Entrevista com Allison James. Educação e Sociedade, Campinas, v. 35, n. 128, p.931-950, jul./set. 2014.Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v35n128/0101-7330-es-35-128-00931.pdf>. Acesso em: 19 set.2019

TEBET, Gabriela; ABRAMOWICZ, Anete. **O bebê interroga a sociologia da infância**. Linhas Críticas, Brasília, v. 20, n. 41, 2014.

_____, & _____(2018). **Estudos de bebês: linhas e perspectivas de um campo em construção**. ETD - Educação Temática Digital, 20(4), 924-946. <https://doi.org/10.20396/etd.v20i4.8649692> Acesso em: 18 set 2019